



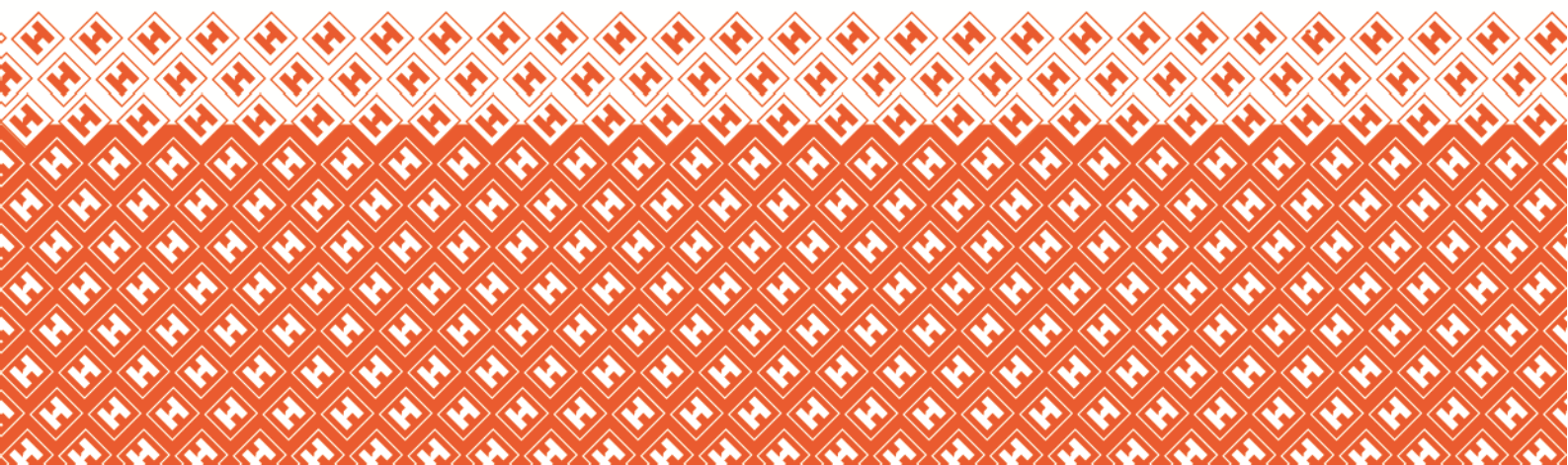
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

GEYSA DE CARVALHO OLIVEIRA SILVA

**O USO DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO
PEDAGÓGICO E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE
DA BAHIA
Junho/ 2026**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA –
UESB PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO –
PPG MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA**



GEYSA DE CARVALHO OLIVEIRA SILVA

**O USO DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO
PEDAGÓGICO E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

VITÓRIA DA CONQUISTA

2026

GEYSA DE CARVALHO OLIVEIRA SILVA

O USO DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO PEDAGÓGICO
E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ensino de História –
ProfHistória/UESB como requisito
parcial para a obtenção do título de
Mestra em História.

Orientador:

Ricardo Alexandre Santos de Sousa

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no
Espaço Escolar.

Vitória da Conquista

2026

S58u

Silva, Geysa de Carvalho Oliveira.

O uso da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte histórica no ensino de história / Geysa de Carvalho Oliveira Silva, 2026.

88 f.

Orientador (a): Dr. Ricardo Alexandre Santos de Sousa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2026.

Inclui referências F. 76 - 79

1. Ensino de história. 2. Literatura de cordel. 3. Prática pedagógica. I. Sousa, Ricardo Alexandre Santos de. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de História. III. T.

CDD 907

FOLHA DE APROVAÇÃO

GEYSA DE CARVALHO OLIVEIRA SILVA

**O USO DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO
PEDAGÓGICO E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Aprovada em 16 de junho de 2026.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Santos de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Profa. Dra. Edinalva Padre Aguiar-UESB
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Profa. Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo
Universidade do Estado do Mato grosso (UNEMAT)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me guiar em cada passo desta jornada, pela força e sabedoria concedidas ao longo desse processo. Sua presença constante foi fundamental para que eu pudesse superar os desafios e alcançar esta conquista.

À minha família, minha filha Émille Lara, meus filhos João Victor e Rafael, meu esposo André e minha mãe Lúcia, expresso minha mais profunda gratidão por todo o amor, apoio e incentivos desde o início da minha caminhada acadêmica. Vocês foram minha base, meu refúgio e a fonte de inspiração em momentos de incerteza. Sem o carinho, os sacrifícios e as palavras de encorajamento, este trabalho não seria possível.

Às minhas colegas Maria Soares e Eliana Chaves, pela ajuda e apoio. Ao meu orientador Ricardo Alexandre por cada ideia, conselho e correção que foram fundamentais para a realização deste trabalho. Aos professores que contribuíram para a minha formação, à coordenação e aos funcionários, bem como os membros da banca, professora Edinalva Padre Aguiar e professora Regiane Cristina Custódio de Figueiredo.

E a todos os meus amigos, que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, deixo registrado o meu mais sincero muito obrigada.

[...]

Agora, na EDUCAÇÃO

O folheto faz figura

As escolas reconhecem

O valor dessa cultura

Meus parabéns para a nossa

Popular literatura.

(A Didática do Cordel – José

Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e

Klévisson Viana)

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo avaliar as potencialidades do uso da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte histórica no ensino de História, tomando como exemplo as turmas do Ensino Médio do Colégio Luís Viana Filho, em Guanambi-BA. O estudo aborda as origens europeias do cordel, seu surgimento e disseminação no Brasil, destaca sua importância em diferentes momentos vividos da História, abrange aspectos da economia, política, desigualdade social, religiosidade, costumes e patrimônio cultural. Dessa forma, busca-se seu uso em sala de aula, como recurso pedagógico e fonte de pesquisa nas aulas de História. Essa proposta surgiu do desejo de contribuir para o ensino da disciplina no contexto do mestrado ProfHistória, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O programa visa auxiliar o ensino de História e promover a formação de professores capacitados para atuar em sala de aula, fortalece as relações entre a universidade e a prática pedagógica. Assim, torna-se possível desenvolver um estudo que favorece aulas mais dinâmicas e interdisciplinares, capazes de gerar maior interesse dos estudantes pelos temas tratados ao longo do ano letivo e aproximá-los de sua própria cultura. O estudo da literatura de cordel permite articulações com diversas áreas do conhecimento, como arte, literatura, filosofia, sociologia e História, sendo necessário o uso da pesquisa, da oralidade e de trabalhos coletivos, incorporando elementos que contribuam para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Além disso a proposta do uso do cordel como recurso pedagógico no ensino de História amplia o conhecimento dos estudantes, contribui para o desenvolvimento da leitura, da escrita, e do pensamento crítico de maneira criativa e prazerosa. Temas como o coronelismo, o voto, escravidão, racismo, seca no sertão nordestino, entre outros, são explorados por meio do cordel, favorece a contextualização histórica e o aprofundamento do conhecimento consolidado a literatura de cordel como um fator de importância no estudo em sala de aula, desenvolve a expressão oral e escrita, estimula a criatividade por meio da produção de cordéis. Ao final da pesquisa foram feitas produções individuais e coletivas dos estudantes sobre os temas trabalhados durante o ano letivo uma seleção de cordéis, usando os critérios de inclusão e exclusão, fazendo com que possam ser discutidos e apresentados como gênero literário, os elementos estruturais (verso, rima, métrica), estimulando a oralidade e valorizando a cultura popular como parte do processo educativo.

Palavras-chave: Ensino de História. Literatura de cordel. ProfHistória.

ABSTRACT

This dissertation aims to present different approaches to working with Cordel literature in History teaching, using the 2nd-year high school classes at Colégio Luís Viana Filho, in Guanambi-BA, as an example. The study explores the European origins of Cordel literature, its emergence and spread in Brazil, highlighting its significance in various historical periods, addressing aspects such as economy, politics, social inequality, religiosity, customs, and cultural heritage. In this way, it proposes the use of Cordel in the classroom setting. This initiative arose from the desire to contribute to History education within the context of the ProfHistória Master's Program at the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)-Vitória da Conquista campus. The program seeks to support History teaching and promote the training of qualified teachers for classroom practice, thereby strengthening the connection between university research and pedagogical practice. This study enables the development of more dynamic and interdisciplinary lessons, capable of generating greater student interest in the subjects covered throughout the school year and bringing them closer to their own cultural roots. The study of Cordel literature allows for articulation with various areas of knowledge, such as Art, Literature, Philosophy, Sociology, and History, requiring the use of research, oral expression, and collaborative work. It incorporates elements that contribute to the effectiveness of the teaching-learning process. Furthermore, the proposal of using Cordel as a pedagogical tool in History teaching expands students' knowledge and contributes to the development of reading, writing, and critical thinking in a creative and enjoyable way. Themes such as coronelismo (rural political bossism), voto de cabresto (controlled voting), slavery, racism, and drought in the northeastern backlands, among others, are explored through Cordel, enhancing historical contextualization and deepening knowledge. Cordel literature is thus consolidated as a valuable educational resource in the classroom, fostering oral and written expression, and encouraging creativity through Cordel production. At the end of the research, both individual and group Cordel texts were produced by students, based on the themes explored during the academic year. A selection process based on inclusion and exclusion criteria was applied, allowing the chosen Cordéis to be discussed and presented as a literary genre, analyzing their structural elements (verse, rhyme, meter), promoting oral performance and valuing popular culture as part of the educational process.

Keywords: History Teaching. Cordel Literature. ProfHistória

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
SEÇÃO 1: A LITERATURA DE CORDEL: ORIGEM E TRAJETÓRIA NO BRASIL	17
SEÇÃO 2. ESTRUTURA FORMAL E ESTÉTICA DO CORDEL	33
SEÇÃO 3. A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO PEDAGÓGICO E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA	44
SEÇÃO 4. A PESQUISA APLICADA: O USO DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO PEDAGÓGICO E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	58
SEÇÃO 5. SOLUÇÃO MEDIADORA DE APRENDIZAGEM: SEQUÊNCIA DIDÁTICA.	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
APÊNDICE.....	79

INTRODUÇÃO

Sou professora da rede básica de ensino há mais de quinze anos, trabalhando com adolescentes e jovens no município de Guanambi, localizado a 800 km da capital da Bahia, Salvador. Licenciada em História pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus VI, em Caetité-BA, possuo pós-graduação em História e Cultura Afro-Brasileira. Minha formação acadêmica foi integralmente realizada na modalidade presencial, o que representou um desafio adicional, uma vez que estudava a 40 km de minha cidade. Nesse percurso, enfrentei diversas dificuldades, como serras, chuvas, frio e os riscos inerentes ao deslocamento diário para uma localidade distinta daquela em que residia.

No entanto, apesar dos inúmeros desafios enfrentados ao cursar História em outro município, mantive muita determinação e consegui concluir a formação com êxito. Iniciei minha atuação na rede básica de ensino pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia, no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, em Guanambi, cidade onde resido com minha família, exercendo a função de professora licenciada em História. Em 2023, ingressei no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), localizada a aproximadamente 400 km de minha residência. Durante o mestrado, aprofundei meu interesse pela proposta de ensino de História por meio da pesquisa aliada à prática em sala de aula. Nesse contexto, identifiquei a literatura de cordel como um recurso didático pedagógico significativo, o que possibilitou uma abordagem mais dinâmica e contextualizada durante o período que realizei a pesquisa.

Partindo dessa constatação e da possibilidade de se fazer pesquisa voltada para o ensino de História, essa dissertação foi idealizada juntamente com o desejo pessoal de proporcionar aos estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Luís Viana Filho, em Guanambi, Bahia, uma forma dinâmica e enriquecedora de ensinar. Indagando a seguinte problemática: Qual o potencial da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte nas aulas de História? Sua utilização pode contribuir para promover o desenvolvimento do pensamento crítico e a participação do estudante, especialmente no contexto social em que ele faz parte? Para responder a essas indagações, a pesquisa, que possibilitou escrever esta dissertação foi desenvolvida ao longo do ano letivo em curso. O objetivo geral dessa dissertação é despertar o senso de identidade e representatividade cultural no ambiente escolar, a partir da valorização de diferentes culturas, memórias, e expressões históricas.

A representatividade cultural no ambiente escolar compreende o reconhecimento e a valorização das diferentes identidades, saberes e manifestações culturais presentes na sociedade. De acordo com Candau (2008), a escola deve constituir-se como um espaço de diálogo entre culturas, promovendo práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade como elemento constitutivo da formação humana. Nessa perspectiva, grupos historicamente marginalizados, como negros, indígenas, nordestinos e outros segmentos sociais, deixam de ocupar uma posição periférica no currículo escolar e passam a ser reconhecidos como sujeitos históricos e produtores de cultura.

Assim, a valorização da diversidade cultural contribui para a construção de uma educação plural, democrática e inclusiva, favorecendo a formação de estudantes críticos, capazes de compreender a sociedade em sua diversidade e de atuar de forma consciente na transformação da realidade.

Nesse sentido, a diversidade atua como elemento constitutivo da sociedade brasileira, possibilitando assim, a formação de indivíduos críticos e consciente e presentes em sua formação, e que se vejam contemplados nos conteúdos trabalhados em sala de aula, nas linguagens e nos materiais usados no processo de ensino, bem como, o desejo e confiança ao combate da invisibilidade e do preconceito, promove o respeito e a valorização da diversidade e os diferentes aspectos, torna o ensino de História mais envolvente e conseqüentemente, mais atraente aos jovens para os temas trabalhados nessa dissertação.

Entendemos que, o cordel faz parte dessa representatividade cultural no âmbito escolar, principalmente quando encontra inserido no currículo de maneira legítima de conhecimento, valoriza a cultura nordestina, estimula a leitura e produção textual de forma criativa, trazendo temas atuais ou históricos envolventes, sem deixar de utilizar a linguagem simples do povo para o povo, faz com que, o aprendizado esteja mais próximo do aluno.

O cordel integra essa representatividade cultural no âmbito escolar, sobretudo quando aparece no currículo como forma legítima de conhecimento. Sua presença valoriza a cultura nordestina, estimula a leitura e a produção textual de modo criativo e apresenta temas atuais ou históricos de maneira envolvente, sem renunciar à linguagem simples do povo para o povo. Assim, o aprendizado se aproxima mais do contexto social dos estudantes e fortalece sua relação com a própria cultura.

Mesmo ciente dos desafios em ensinar História na rede pública de ensino, com salas superlotas, chegando a ultrapassar 40 alunos, baixos salários, falta de infraestrutura

física e pessoal de apoio, escassez de material didático entre outras dificuldades que estão presentes do cotidiano escolar, busco sempre tornar as aulas mais dinâmicas e prazerosas. Para isso, são utilizadas estratégias que incluem jogos educativos, vídeos curtos e análises de documentos históricos, sempre relacionando o conteúdo e as vivências dos estudantes.

Por estar localizado na região central do município de Guanambi, o Colégio Estadual Luís Viana Filho é classificado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia como uma escola de porte especial. Em razão dessa característica, atende muitos estudantes provenientes de diferentes bairros da cidade, incluindo comunidades periféricas, bem como da zona rural do município, reunindo um público marcado por significativa diversidade social, econômica e cultural.

Essa diversidade constitui um importante elemento para o processo educativo, pois possibilita a convivência entre diferentes experiências e saberes. Entretanto, também impõe desafios à prática docente, especialmente no ensino de História, exigindo metodologias que favoreçam a participação dos estudantes, a contextualização dos conteúdos e a construção de aprendizagens significativas, considerando as distintas realidades presentes no ambiente escolar.

Procuro sempre que possível, trazer a História para sua realidade, ouvir suas trajetórias de vida, criar os vínculos necessários para a construção de sua identidade fundamentado na proposta do trabalho pedagógico, norteados em princípios com base no diálogo, na criticidade, na autonomia, na liberdade e de todos os envolvidos na pesquisa e que possa alcançar os objetivos delimitados no início da intervenção, tendo como ponto de partida ou o contexto social de vida na qual os alunos se encontram, suas raízes e vivências, criar identificação entre conteúdo e temáticas abordadas, despertar o interesse em diferentes formas de aprender, como o ritmo, a rima, a oralidade e a criatividade de cada um.

Nesse contexto, o uso da literatura de cordel como ferramenta pedagógica no ensino de História possibilitou que as produções elaboradas pelos próprios estudantes fossem utilizadas como instrumento inicial do trabalho, funcionando como um recurso orientador e ponto de partida para o desenvolvimento da proposta. A partir dessas produções, emergiu a ideia de trabalhar o cordel não apenas como recurso didático, mas também como fonte histórica de ensino em sala de aula, valoriza o protagonismo discente e a construção do conhecimento a partir de suas próprias experiências. Nesse sentido, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, com foco na análise interpretativa dos trabalhos apresentados pelos estudantes, especialmente na produção de cordéis em sala

de aula. Os cordéis selecionados foram examinados a partir de uma perspectiva interpretativa, buscando identificar os elementos pedagógicos presentes nos textos, suas características estruturais e sua relação com os objetivos educacionais propostos. Tal análise esteve voltada para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica capaz de promover a compreensão de temáticas relacionadas aos conteúdos abordados ao longo das unidades letivas em curso.

A partir dessas observações e em consonância com os objetivos da pesquisa, que moldam a presente dissertação, o uso do cordel como recurso pedagógico no ensino de História torna-se de extrema relevância e grande potencial em sala de aula, bem como, sua contribuição para processos de compreensão dos estudantes durante o trabalho realizado diante da possibilidade de aplicação desse estudo no colégio Luís Viana Filho para um público de alunos do ensino médio da rede pública de ensino do estado da Bahia, e a utilização da literatura de cordel como recurso pedagógico didático nas aulas de História e por fim, promover a compreensão pelos estudantes dos temas selecionados para a pesquisa, como coronelismo, eleições, cangaço, racismo e seca no Nordeste.

Com o objetivo de compreender as formas de expressão dos estudantes, os sentidos por eles atribuídos ao conhecimento histórico e as contribuições desse processo para sua realidade educacional e suas experiências de vida, foram construídos percursos pedagógicos fundamentados na reconstrução de conteúdos e na mobilização da memória histórica. Essa abordagem possibilitou ressignificar o ensino de História, valorizando as diferentes formas de expressão dos estudantes e favorecendo o desenvolvimento da consciência histórico-crítica, ao estabelecer relações entre o conhecimento escolar, as vivências individuais e o contexto sociocultural em que estão inseridos.

Ademais, o ensino de História na Educação Básica, especialmente no Ensino Médio, deve ir além da simples transmissão de datas, fatos e personagens. É necessário promover uma formação crítica que estimule a compreensão, por parte dos estudantes, dos processos históricos como construções sociais e culturais, reconhecendo, ainda, as diferentes formas de narrar e interpretar o passado. Nesse sentido, a valorização das culturas populares e de suas diversas formas de expressão torna-se essencial para a construção de práticas pedagógicas mais contextualizadas, inclusivas e significativas, capazes de aproximar os conteúdos históricos das vivências dos estudantes. Essa perspectiva favorece um ensino mais conectado com as realidades socioculturais dos educandos, especialmente nos contextos regionais do Nordeste brasileiro.

Ao pesquisar sobre o cordel, são observados aspectos que estão relacionados ao estilo da literatura popular, despertando a necessidade em utilizá-lo em sala de aula, uma vez que o cordel, inicialmente vindo da região Nordeste, sendo disseminado por todo o Brasil por meio de autores que se dedicaram a retratar o cenário cultural de seu povo através da arte, carrega em sua bagagem o anseio de despertar o interesse em conhecer mais sobre os aspectos culturais e sociais, sendo de grande relevância para a construção da História.

Diante desse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais voltados para o ensino de História apontam a importância da interdisciplinaridade como princípio orientador das práticas pedagógicas. Essa perspectiva incentiva a articulação dos conhecimentos históricos com áreas como Arte, Língua Portuguesa, Literatura, Sociologia, Filosofia e outros campos do conhecimento, ampliando as possibilidades de compreensão dos conteúdos e tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativos.

Nessa perspectiva, diferentes estratégias metodológicas podem ser utilizadas em sala de aula, como a leitura de textos previamente selecionados pelo professor, rodas de conversa, análise de fotografias, gravuras e outras fontes históricas. Essas práticas favorecem a participação dos estudantes e despertam o interesse pelos conteúdos abordados, especialmente aqueles relacionados ao período da Primeira República. Durante a pesquisa, temas como coronelismo, voto de cabresto, cangaço, racismo e a seca no sertão nordestino foram trabalhados por meio dessas estratégias, possibilitando uma abordagem crítica e contextualizada da História.

Nesse sentido, torna-se necessário que o uso da literatura de cordel como fonte histórica e recurso didático no ensino de História seja compreendido como um princípio orientador da prática pedagógica. Essa perspectiva contribui para superar a fragmentação do conhecimento, favorecendo a articulação entre a História e as demais áreas do currículo escolar e possibilitando que os estudantes compreendam os fenômenos históricos, sociais, políticos e culturais em sua complexidade e em suas múltiplas relações. Assim, permite que os conteúdos históricos façam sentido de forma ampla às demais áreas do conhecimento, favorecendo uma aprendizagem enriquecedora. Isto mostra que o uso do cordel como recurso didático e fonte histórica seja entendido como uma prática docente que visa o desenvolvimento de competências e de habilidades necessárias a efetiva associação entre ensino e pesquisa, ao trabalho com diferentes fontes e diferentes linguagens, à suposição de que sobre temas e assuntos. (Brasil, 2006, p15-16). A prática docente vai além da simples justaposição de conteúdos de diferentes

disciplinas, consiste em articular saberes de forma integrada, construindo temas significativos que respondam às necessidades e realidades dos estudantes.

A proposta de trabalhar a literatura de cordel valoriza uma abordagem entre disciplinas, permitindo que os estudantes compreendam fenômenos complexos sob múltiplos pontos de vista. Dessa forma, o uso do cordel como fonte e recurso pedagógico nas aulas de História pode contribuir para a formação de competências e habilidades que ultrapassam as fronteiras das disciplinas isoladas, promovendo uma aprendizagem contextualizada, crítica e conectada às demais áreas do saber.

De acordo com Brasil (2000), a utilização do cordel como recurso deve levar em conta os diferentes agentes sociais envolvidos na produção dos testemunhos, as motivações explícitas ou implícitas nessa produção e a especificidade nas diferentes linguagens e suportes através dos quais se expressam, a fim de desenvolver capacidades de leitura, análise, contextualização e interpretação de temas trabalhados nas aulas História. A utilização da literatura de cordel como recurso pedagógico deve considerar os diferentes agentes sociais envolvidos na produção dos testemunhos históricos, as motivações explícitas e implícitas presentes nessa produção, bem como as especificidades das diferentes linguagens e suportes por meio dos quais essas narrativas são expressas. Essa compreensão favorece o desenvolvimento das capacidades de leitura, análise, contextualização e interpretação dos conteúdos históricos, possibilitando aos estudantes uma compreensão mais crítica dos processos sociais.

Nessa perspectiva, a formação para a cidadania constitui um dos objetivos fundamentais do ensino de História. Para José Murilo de Carvalho (2002), a cidadania corresponde ao exercício pleno dos direitos civis, políticos e sociais, construídos historicamente por meio das lutas e das conquistas da sociedade. Assim, ser cidadão significa não apenas conhecer os próprios direitos e deveres, mas participar ativamente da vida social e política, compreendendo-se como sujeito histórico capaz de intervir na realidade.

Em consonância com essa compreensão, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que o ensino de História deve contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de compreender as relações sociais, reconhecer a diversidade de experiências históricas e atuar de forma consciente na sociedade (Brasil, 1997, p. 22). Desse modo, ao utilizar a literatura de cordel como recurso pedagógico, amplia-se a possibilidade de desenvolver práticas educativas que estimulem a reflexão crítica, a valorização da cultura popular e a construção da consciência histórica dos estudantes.

. A literatura de cordel apresenta-se como um excelente meio para alcançar esses objetivos, uma vez que suas características possuem a capacidade de envolver o aluno na construção do aprendizado, permitindo-lhe a produção de seus próprios textos e a inclusão de seu ponto de vista sobre os temas abordados. Além disso, a literatura de cordel possibilita trazer à tona, por meio de textos já existentes, o interesse por aspectos do estudo da História, o qual, conforme observado pela experiência desta pesquisadora em sala de aula, por vezes oferece uma visão mais generalizada e simplista dos temas trabalhados durante o ano letivo.

No que concerne a estratégia da pesquisa podemos citar a análise do cordel em sala de aula de forma crítica e contextualizada, a utilização do cordel como prática pedagógica no ensino de História, com o objetivo de estimular os estudantes na análise de cordéis viabilizando as temáticas históricas previamente selecionadas, com a criação de estratégia de apropriação e revisão dos conteúdos estudados, avaliar os pontos positivos na utilização do cordel e os negativos ou a falta de interesse pelo estudo dessa literatura, o envolvimento e participação dos envolvidos na pesquisa de forma individualizada e coletiva.

Dessa forma esta dissertação está organizada em cinco seções, que se articulam para apresentar os fundamentos teóricos, metodológicos e pedagógicos da pesquisa, bem como os resultados alcançados a partir da aplicação da literatura de cordel como instrumento de ensino no componente curricular de História. As seções abordam desde os aspectos históricos e estruturais do cordel até a análise da prática pedagógica desenvolvida em sala de aula.

A Seção 1 trata da origem da literatura de cordel, explorando suas raízes na tradição oral europeia e sua posterior adaptação no contexto brasileiro, especialmente no Nordeste. Analisa-se como esse gênero textual popular tornou-se um importante meio de expressão cultural, crítica social e registro de fatos históricos no Brasil.

A seção 2 aprofunda-se na estrutura formal do cordel, abordando elementos como métrica, rima, tipos de estrofes e recursos estilísticos. A seção demonstra como a linguagem poética e a musicalidade do cordel contribuem para sua força comunicativa e acessibilidade, favorecendo sua utilização em contextos educacionais.

A Seção 3 discute o uso da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte histórica no ensino de História, evidenciando seu potencial para promover o engajamento discente, a construção de sentido a partir de saberes populares e a valorização das identidades culturais. A interdisciplinaridade entre História, Literatura, Arte, Sociologia

e Filosofia é ressaltada como estratégia para tornar as aulas mais significativas e conectadas à realidade dos estudantes.

A Seção 4 apresenta a pesquisa aplicada, realizada com turmas do colégio estadual Luís Viana Filho, e o uso do cordel na abordagem de temas como coronelismo, voto de cabresto, sistema eleitoral brasileiro, cangaço, a figura da mulher, feminismo, racismo estrutural e o flagelo da seca no Nordeste. A leitura de textos selecionados, seguida de debates, rodas de conversas e produções discentes, demonstra que o cordel é um instrumento eficaz para fomentar a reflexão crítica e o protagonismo estudantil, aproximando os conteúdos históricos da vivência cotidiana. Apresenta a pesquisa realizada, com foco na leitura e análise de "folhetos de acontecido", como "A chegada de Lampião no inferno" (José Pacheco), "A seca do Ceará" (Leandro Gomes de Barros), "Ave Maria da eleição" (Leandro Gomes de Barros) e "Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum" (Firmino Teixeira do Amaral). Através desses cordéis, foram abordados temas como o cangaço, a seca de 1915, o coronelismo, a manipulação eleitoral e o racismo estrutural. A culminância da proposta ocorreu com a apresentação dos cordéis pelos alunos.

A Seção 5 descreve a sequência didática como solução mediadora de aprendizagem, partindo da escolha do cordel "Ave Maria da Eleição" do autor Leandro Gomes de Barros. Com o objetivo principal em desenvolver a leitura crítica do cordel e seu reconhecimento como expressão cultural brasileira. A atividade envolve reflexões sobre cidadania e democracia e sugestões de produção de cordéis com tema proposto.

Por fim as considerações finais, discute os principais resultados obtidos, as contribuições da proposta para o ensino de História e os desdobramentos possíveis dessa prática pedagógica. Destaca-se a importância de metodologias que valorizem a literatura de cordel, o saber popular, visando a uma educação crítica, democrática e transformadora.

Para iniciar, busca-se apresentar as origens da literatura de cordel, abordando suas raízes medievais e o impacto dessa manifestação cultural no envolvimento das camadas populares em questões de relevância na sociedade europeia. Conforme destacam Márcia Abreu (1999) e Jerusa Pires Ferreira (1979), o cordel tem sua origem em Portugal e na Espanha, entre os séculos XVI e XVII, sendo difundido por meio de folhetos impressos comercializados em feiras e praças públicas, com narrativas de caráter religioso, romances e histórias de cavalaria. Em seguida, são apresentados o surgimento do cordel no Brasil, seus primeiros autores e os temas por eles abordados, bem como o processo de disseminação desse estilo literário pelo país. No contexto brasileiro, conforme

evidenciam Câmara Cascudo (2000) e Mark Curran (2001), a literatura de cordel se consolida como uma importante expressão da cultura popular nordestina, caracterizando-se pela linguagem poética, pela musicalidade e pela forte presença da oralidade, sendo cantada e recitada em diferentes espaços sociais, abordando temas do cotidiano, da política e da vida do povo.

Dando continuidade à discussão sobre a estrutura do cordel como estilo literário, aprofundam-se aspectos como a regularidade métrica, diversidade de esquemas de rima e as particularidades que o diferenciam de outros gêneros poéticos. Além disso, enfatiza-se a musicalidade como um elemento essencial, não apenas para a construção rítmica dos versos, mas também para a transmissão oral e a preservação dessa tradição ao longo do tempo.

Por fim, é abordado o uso do cordel como recurso pedagógico e fonte histórica no ensino de História no colégio Luiz Viana Filho, município de Guanambi-Ba, tema central desta dissertação, bem como a experiência de outros autores que aplicaram essa abordagem em diferentes áreas do conhecimento.

Nesse contexto, destaca-se o conceito de interdisciplinaridade, compreendido, conforme afirma Fazenda (2008), como uma prática que promove o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, superando a fragmentação dos saberes e possibilitando uma aprendizagem mais significativa. Para a autora, a interdisciplinaridade não se resume à junção de conteúdos, mas implica uma integração efetiva entre disciplinas, professores e estudantes, favorecendo a construção coletiva do conhecimento e a formação crítica dos sujeitos.

Destacando a importância e os benefícios do uso no ambiente escolar, ressaltando a necessidade de diversificar os métodos de ensino para inserir no processo de formação o próprio estudante, de maneira que seja capaz de demonstrar, de forma prática, cada uma das etapas sugeridas e a exposição de uma sequência didática para professores de história trabalharem a literatura de cordel para os alunos do ensino médio da rede básica de ensino, com a temática que aborda conteúdo relacionado ao currículo escolar, o voto na Primeira República por exemplo, e sua relação com a atualidade, sendo uma maneira de apresentar a literatura de cordel como um recurso pedagógico nas aulas de História. Bittencourt (2004), afirma que o ensino de História deve dialogar com outras áreas do conhecimento e diferentes linguagens, de modo a superar a fragmentação dos conteúdos escolares e promover uma aprendizagem mais significativa.

SEÇÃO 1

A LITERATURA DE CORDEL: ORIGEM E TRAJETÓRIA NO BRASIL

A origem dos cordéis remonta ao século XII em Portugal, expandindo-se posteriormente para outros países, como França, Espanha e Itália. No Brasil, chegou por meio dos portugueses no século XVI, propagando-se especialmente pela região Nordeste, com poemas cantados que fazem parte das representações do imaginário popular, refletindo suas crenças, ritos e contos.

Os folhetos, livrinhos ou romances, como também eram denominadas as obras de cordel, encontram segundo Negrão (1995) sua origem no romanceiro popular ibérico da Idade Média. Esse período, amplamente reconhecido e divulgado por diversos historiadores e presente em inúmeras fontes acadêmicas, abrange desde o século V, com a queda do Império Romano e a ascensão do feudalismo, até o século XV, sendo marcado por profundas transformações econômicas, sociais e culturais na Europa.

Durante o período de transição entre a Idade Média e Idade Moderna, identificam-se elementos da literatura clássica, além da presença da literatura popular impressa em folhetos, que se espalhou por diversos países como França, Espanha, Inglaterra e Portugal. Neves (2018) afirma ainda, que o cordel não é considerado apenas um gênero literário, mas sim a combinação de vários gêneros que envolvem a poesia, o romance e o teatro. Apresentados ao público sob a forma de folhetos, os quais eram expostos pendurados em um barbante, como um varal de roupas a secar (daí o nome "cordel"), esses materiais eram e continuam sendo comercializados em diversas regiões do país como Norte, Nordeste e Sudeste. Segundo Lacerda (2010), era costume dos autores portugueses da época essa forma de exposição literária, com o objetivo de divulgar às pessoas letradas por meio dessa literatura.

Fortaleza (2010) destaca a origem e como o cordel era usado na Europa:

Não se sabe exatamente
O cordel de onde veio
Alguns afirmam que os mouros
Lhe serviram de correio
Até a Península Ibérica
E de lá para nosso meio.
Pois lá na Península Ibérica
Cordão se chama cordel
Onde eram penduradas
As folhinhas de papel
Nascendo daí o nome
Desta cultura fiel.

Embora o cordel lusitano tenha exercido forte influência sobre a formação da literatura de cordel no Brasil, sua configuração inicial apresentava diferenças importantes. Em Portugal, os folhetos eram, sobretudo, publicações impressas que reproduziam romances, narrativas religiosas e histórias de cavalaria, mantendo uma relação mais estreita com a tradição escrita. No Brasil, por sua vez, a literatura de cordel adquiriu características próprias, incorporando a oralidade, a cantoria e as experiências cotidianas das populações nordestinas. Essa aproximação com a cultura popular fez do cordel brasileiro uma importante forma de expressão artística, de crítica social e de preservação da memória coletiva.

Torcate (2018) descreve que, entre os séculos XVI e XVII, os folhetos de cordel estavam mais associados às camadas socialmente privilegiadas e à cultura letrada. Com o passar do tempo, especialmente entre os séculos XVII e XIX, esse gênero ampliou sua circulação e passou a alcançar diferentes grupos sociais, tornando-se cada vez mais acessível às camadas populares. Conforme destaca o autor, "algumas das histórias que começam a circular no Brasil no período colonial já eram conhecidas na Península Ibérica desde a Idade Média; tais histórias ganharam versões poéticas, mais adaptadas a um público cada vez mais heterogêneo" (Torcate, 2018, p. 88). Esse processo de difusão demonstra que a literatura de cordel foi continuamente ressignificada pelos diferentes contextos históricos e culturais em que circulou, consolidando-se, no Brasil, como uma das mais importantes manifestações da cultura popular.

A compreensão desse percurso histórico permite ampliar a análise da literatura de cordel para além de sua origem e circulação, considerando também sua dimensão discursiva. Nessa perspectiva, as contribuições de Bakhtin (2016) tornam-se relevantes por compreenderem a linguagem como uma prática social e os gêneros do discurso como formas de comunicação produzidas em contextos históricos específicos. Assim, a literatura de cordel pode ser entendida como um gênero discursivo que articula elementos da oralidade e da escrita, expressando valores, experiências e visões de mundo compartilhadas por diferentes grupos sociais.

Segundo Bakhtin (2016), os gêneros do discurso constituem formas relativamente estáveis de enunciados, elaboradas de acordo com as condições de comunicação de cada esfera da atividade humana. Dessa forma, o cordel não se caracteriza apenas por sua estrutura poética, mas também por sua capacidade de dialogar com diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Sua permanência ao longo do tempo decorre justamente de

sua constante adaptação às necessidades comunicativas de cada época, preservando características da tradição oral ao mesmo tempo em que incorpora novos temas, linguagens e formas de circulação. Essas características reforçam seu potencial como fonte histórica e recurso pedagógico no ensino de História, possibilitando a reflexão crítica sobre diferentes experiências e processos históricos.

Para Bakhtin (2016) o processo de disseminação da literatura de cordel entre as camadas populares, é de grande importância tornando um instrumento de transmissão da língua, tanto de forma oral quanto escrita, estando diretamente relacionada ao seu contexto, uma vez que é proferida pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Ademais, a literatura de cordel se enquadra como um gênero literário, podendo ser classificada como simples ou complexas em determinados contextos, como um gênero simples, e em outros, como um gênero complexo. Sua natureza simples ocorre quando se baseia na cultura popular, e torna-se complexa quando sua manifestação acontece dentro dessa mesma cultura popular, ou seja, pode ser compreendida como uma forma simples de expressão artística ou literária, mas possui características estruturais e funcionais que favorece o acesso à identificação do público como os temas abordados, com sua linguagem acessível em que utiliza expressões populares, com construções sintáticas e vocabulário direto, o que facilita a sua compreensão tanto para leitores que são escolarizados quanto para pessoas que possuam pouca ou nenhuma escolaridade formal, refletindo no compromisso com a oralidade e com a comunicação junto à comunidade. Além disso, o cordel possui uma forma fixa e repetitiva, baseada em estruturas tradicionais como as sextilhas (estrofes de seis versos), com uso regular de rimas e métrica, geralmente redondilhas maiores (sete sílabas poéticas).

A estrutura poética do cordel, marcada pela regularidade da métrica e das rimas, facilita a memorização e a recitação dos textos. Essa característica contribui para sua circulação oral em diferentes espaços sociais, possibilitando a difusão de acontecimentos, valores e interpretações sobre a realidade, aspecto que reforça seu potencial como fonte histórica e recurso pedagógico. Sendo assim, os gêneros primários ou simples são aqueles que surgem nas interações cotidianas, espontâneas e imediatas, como conversas informais, relatos orais e narrativas populares, estando fortemente ligados ao contexto social direto dos sujeitos. Já os gêneros secundários ou complexos são elaborados em contextos culturais mais sistematizados, como a literatura, o teatro e a produção acadêmica, incorporando e reelaborando os gêneros primários em estruturas mais organizadas e reflexivas. Nessa perspectiva, a literatura de cordel pode ser compreendida,

em determinados contextos, como um gênero simples, quando vinculada à oralidade e às práticas populares do cotidiano, e, em outros, como um gênero complexo, quando sistematizada como produção escrita, trabalhada no ambiente escolar e inserida em práticas pedagógicas mais elaboradas.

A literatura de cordel caracteriza-se pela diversidade de temas que aborda, retratando aspectos do cotidiano e da realidade social. Em seus folhetos são frequentes narrativas sobre acontecimentos históricos, lendas, religiosidade, romances, conflitos sociais, política, seca, cangaço, coronelismo e outras experiências vividas pela população. Esses temas costumam ser apresentados por meio de uma linguagem simples, marcada pela ironia, pelo humor e pela crítica social, o que aproxima o cordel das vivências e dos interesses do povo. Essa característica faz com que o cordel ultrapasse sua dimensão literária e assume uma importante função social. Além de entreter, esse gênero contribui para preservar a memória coletiva, registrar acontecimentos históricos, expressar opiniões e estimular reflexões sobre a realidade social, política e cultural. Por essa razão, a literatura de cordel consolidou-se como uma das principais manifestações da cultura popular brasileira.

Essa dimensão comunicativa pode ser compreendida a partir das contribuições de Bakhtin (2016), para quem todo gênero do discurso é produzido em determinado contexto histórico e social e estabelece diálogo com diferentes vozes presentes na sociedade. Sob essa perspectiva, a literatura de cordel incorpora discursos provenientes da tradição oral, de textos religiosos, de acontecimentos históricos, de notícias, de manifestações culturais e das experiências cotidianas da população. Assim, o cordel constitui um gênero discursivo marcado pelo dialogismo e pela polifonia, uma vez que reúne diferentes perspectivas e interpretações da realidade, permitindo que múltiplas vozes sejam representadas em seus versos.

Destaca-se ainda como gênero de discurso que apresenta expressões populares, articuladas com enredos políticos, artístico e histórico, apontando traços da oralidade e escrita, mesclando a narrativa e a argumentação com temas atuais. Sendo um gênero de utilização da língua que reflete a influência do meio social em que o indivíduo vive, utiliza a linguagem como ideologia e visão de mundo, voltada para o seu contexto social, em uma perspectiva discursiva, e se configura como um gênero do discurso literário simples em sua forma, mas complexa em sua função e conteúdo. Ao mesmo tempo que é acessível ao povo, já que deste emana, se manifestando como uma forma rica em resistência cultural, artística e crítica em expressões diversas.

Ao discutir os gêneros do discurso, Bakhtin (2016) afirma que eles são numerosos e heterogêneos, pois surgem das diferentes esferas da atividade humana. Cada contexto social produz formas próprias de comunicação, que variam conforme seus objetivos, seus interlocutores e as situações em que os enunciados são produzidos. Por essa razão, o autor demonstra que a linguagem não é homogênea, mas se manifesta por meio de diferentes gêneros discursivos, construídos historicamente nas práticas sociais. Essa compreensão pode ser observada na seguinte passagem:

As modalidades de diálogo cotidiano são extraordinariamente grandes em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes o relato cotidiano, a carta (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literário ao romance de múltiplos volumes (Bakhtin, 2016, p.12).

Ao destacar a diversidade dos gêneros do discurso, Bakhtin evidencia que cada esfera da atividade humana desenvolve formas próprias de expressão e comunicação. Isso significa que a linguagem assume características específicas de acordo com o contexto em que é produzida, seja em uma conversa cotidiana, em um documento oficial, em um texto científico ou em uma obra literária. Nessa perspectiva, a literatura de cordel pode ser compreendida como um gênero discursivo constituído historicamente nas práticas culturais populares, que articula elementos da oralidade e da escrita para comunicar experiências, valores, memórias e interpretações da realidade. Essa compreensão reforça o potencial do cordel como manifestação cultural e como recurso pedagógico para o ensino de História, uma vez que seus textos expressam diferentes vozes sociais e possibilitam a construção de múltiplas interpretações sobre os processos históricos. Isso mostra que cada situação cria um tipo de fala ou de escrita, com características próprias e distintas, de uma carta, de um texto científico ou literário, fazendo com que a linguagem, dependendo da sua representatividade cultural, se manifeste de forma variada, com assuntos e pessoas diversas. Explica que o tipo de comunicação se adapta aos participantes com sua linguagem popular, ritmada e acessível, criada para dialogar com o povo e muda conforme o meio, o público e o propósito da comunicação.

A partir da perspectiva bakhtiniana, compreende-se que os gêneros discursivos não se restringem à dimensão linguística, mas constituem formas de interação social por meio das quais diferentes sujeitos produzem sentidos e expressam suas experiências

históricas e culturais. Nessa perspectiva, a literatura de cordel, enquanto gênero discursivo, configura-se como uma prática social que incorpora vozes, valores, memórias e saberes produzidos em determinados contextos históricos, possibilitando a circulação de diferentes visões de mundo e a construção de significados sobre a realidade. Ao reconhecer o cordel como espaço de produção e circulação de discursos, amplia-se a reflexão para o modo como as identidades culturais são construídas, representadas e negociadas no contexto escolar. Desse modo, a discussão sobre a literatura de cordel ultrapassa sua dimensão estética e literária, alcançando aspectos relacionados à diversidade cultural, à representatividade e ao reconhecimento das diferenças no processo educativo.

Nesse contexto, Candau (2008; 2012) defende que a educação intercultural deve ser compreendida como uma prática comprometida com o reconhecimento da diversidade, a superação das desigualdades e a promoção do diálogo entre diferentes culturas. Para a autora, a escola precisa constituir-se como um espaço de valorização das múltiplas identidades que compõem a sociedade, rompendo com práticas pedagógicas homogeneizadoras e excludentes.

Essa perspectiva dialoga com Hall (2003), ao afirmar que as identidades culturais não são fixas ou naturais, mas construídas histórica e socialmente em permanente transformação. Sob esse entendimento, a valorização da literatura de cordel no ensino de História representa uma possibilidade de reconhecer narrativas frequentemente marginalizadas pelo currículo tradicional, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização das culturas populares.

Na mesma direção, Silva (2000) argumenta que identidade e diferença são categorias fundamentais para compreender as relações de poder presentes no currículo escolar. A seleção dos conhecimentos legitimados pela escola não é neutra, mas resulta de escolhas que podem tanto invisibilizar quanto conferir visibilidade a determinados grupos sociais e manifestações culturais. Assim, a inserção do cordel nas práticas pedagógicas contribui para ampliar as formas de representação cultural presentes no ambiente escolar.

Complementando essa discussão, Moreira e Candau (2007; 2018) defendem a construção de um currículo capaz de articular conhecimentos científicos e saberes produzidos nas diferentes comunidades, valorizando as culturas populares e as experiências cotidianas dos estudantes. Sob essa perspectiva, a literatura de cordel constitui um recurso pedagógico que favorece a aproximação entre os conteúdos

históricos e a realidade sociocultural dos alunos, promovendo aprendizagens contextualizadas e uma formação crítica e democrática.

Quanto a perspectiva historiográfica a produção cultural popular é reconhecida como um campo fértil para análise da História. Roger Chartier, (1999) historiador ligado a história cultural, aponta as práticas discursivas, de textos ou outras manifestações culturais como sendo objetos de investigação histórica, com a valorização da leitura em suas formas de circulação e veiculação em diferentes públicos ao longo do tempo. Destaca a literatura de cordel como fonte importante de pesquisa para o historiador, abrangendo a imaginação e a realidade, tornando-se fundamental para a análise da História, o que possibilita o acesso não apenas dos fatos, mas também o modo de apresentação desses fatos, como foram percebidos e narrados pelas camadas populares. Nesse sentido, Chartier (1999) destaca a escrita e a literatura como não são totalmente fixas, sempre há uma instabilidade, ou seja, mesmo quando um texto tem uma forma ou conteúdo definido, cada leitor poderá interpretá-lo de diversas formas, criando sentidos novos.

O autor identifica a maneira de produção de saber e da cultura, seja ficção ou oralidade popular, como transmissor de conhecimentos, memórias e visões de mundo reais de uma época, ou período histórico. Permite que a cultura popular produza conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo. Nesse sentido, é importante considerar que a História, embora se utilize de estruturas narrativas semelhantes às da ficção, não se limita a ela. Chartier aponta que:

Em cada um dos textos que alguém escreve há sempre uma estabilidade e uma instabilidade. Pode-se compreender de uma maneira ou de outra, inventar um caminho que afaste, ao mesmo tempo, a ideia de que a história não seria mais que uma produção de ficção dentre outras e não é porque a história utiliza as figuras e formas narrativas da ficção que não se define como um conhecimento, um saber, e daí a vinculação possível entre a história como um saber crítico em uma dimensão cívica (Chartier, 1999, p. 212).

Assim, a literatura de cordel exemplifica a ideia de que todo texto é uma forma de mediação entre o real e o simbólico, revelando de que maneira a escrita e a leitura são utilizadas como práticas reais de transformação da sociedade, a maneira como interpreta o mundo de forma própria.

Para Chartier (1999) as representações se referem às formas pelas quais os indivíduos e grupos sociais interpretam e organizam o mundo. Não são simples reflexos da realidade, mas diversas maneiras de construir por meio dos símbolos, que são os discursos, textos, imagens, costumes e práticas culturais. São modos de ver e entender o

mundo social e histórico, mostrando que cada grupo representa, produz e transmite significados, influenciando e formando identidades coletivas e individuais, pois orientam comportamentos do indivíduo.

Ao analisar textos e obras literárias e manifestações culturais, como a literatura de cordel, é possível perceber as visões de tempo e lugar política e cultural, produz e comunica as representações próprias de mundo e que não são apenas um produto, mas múltiplos produtos capazes de representar, as manifestações culturais, permitindo compartilhar as diferentes formas escrita ou oral a diversidade do discurso literário, inserida em diferentes sociedades com seus valores e tradições.

A chegada da literatura de Cordel no Brasil, ocorreu na primeira metade do século XVI, quando os primeiros folhetos foram trazidos a bordo das caravelas dos colonizadores portugueses. (Teixeira, 2008; Haurélio, 2016).

Inicialmente, os textos, ainda muito similares aos cordéis portugueses, traziam aspectos que remetiam à cultura europeia e as ideias difundidas na era medieval, contexto histórico da época, servindo também como meio de propagar os ideais religiosos, seguindo a tradição moral católica (Torcate, 2018). O cordel sofreu forte influência da literatura, com narrativas de cavalaria, com rimas e estrutura simples, o que facilitava sua memorização entre as pessoas e comunicação entre elas, reforçando as relações sociais e construção de uma identidade coletiva.

No Brasil, a literatura de cordel, foi sendo apropriada pelos poetas nordestinos que se adaptaram às histórias locais. Essa nova forma de criar os cordéis, foram sendo feitas de acordo com a vivência do sertanejo, com elementos que ajudam a interpretar o passado suas injustiças sociais, os conflitos entre as populações e o caráter religioso, marcantes nas comunidades do interior do Nordeste.

Nessa perspectiva histórica, a pesquisa sobre o uso da literatura de cordel no ensino de História se mantém como importante recurso didático para o trabalho do docente nas aulas de História, voltadas para os estudantes do ensino médio. Visto que, ao reconhecer o cordel como o mantedor de memórias, de interpretar o passado, torna-se necessário a valorização da cultura popular, com linguagem acessível e capaz de integrar o saber escolar e as experiências trazidas pelo aluno para sala de aula.

A literatura de cordel constitui uma expressão cultural de grande relevância no Brasil. No século XIX, com a chegada da família real ao país e diversos avanços foram introduzidos na colônia, dentre os quais se destaca a implantação da tipografia. Esse progresso favoreceu os repentistas e demais artistas que, até então, se dedicavam à

produção oral e improvisada de seus versos, proporcionando o registro de suas composições por escrito.

Antes da possibilidade da impressão dos cordéis, esse estilo começou a ter suas características definidas no espaço da oralidade, tendo surgido como uma das primeiras formas conhecidas de cantoria de viola no grupo de poetas paraibanos da Serra do Teixeira, e somente depois, no fim do século XIX, começou a ser impresso e distribuído na forma de folhetos por poetas populares nordestinos (Teixeira, 2008; Abreu, 1997). Com elementos variados que contam as histórias por meio dos cordéis como as narrativas religiosas, aventuras, batalhas e conteúdo que envolvem situações da vida cotidiana e problemas enfrentados por aqueles que vivem no sertão nordestino, como seca, migração, pobreza. Muitas dessas situações eram envolvidas por críticas e sátiras, em comunidades onde a maior parte da população não tinha acesso a informação ou era limitado ao pequeno número de pessoas.

Uma das características principais da literatura de cordel é a tradição verbal como ferramenta na leitura dos versos. Negrão (1975) aponta a literatura de cordel como sendo uma literatura que utiliza a expressão popular, com versos e rimas, mantendo a sua originalidade. Segundo o autor:

Literatura de cordel ou romanceiro popular nordestino é uma produção de transmissão oral, em verso, feita para ser cantada ao som da viola, ou recitada, e que, quando impressa, mantém intacta a característica da linguagem falada original.

(Negrão, 1975, p.135). Destaca a origem do cordel na Idade Média, tornando-se uma característica da cultura popular, refletindo as tradições e o imaginário de um povo, e, principalmente, assumindo o papel de transmissor dos valores e da História, de maneira simples e cativante. No Brasil, por meio da adaptação dessa tradição às realidades e expressões culturais nordestinas foram moldando e o cordel ganhou forte presença na oralidade e na música, especialmente através do uso da viola e das rimas. Assim, a literatura de cordel tornou-se um importante instrumento de preservação da memória coletiva, de crítica social e de valorização da identidade popular brasileira.

Santos (2018) esclarece a capacidade da arte, que além das histórias de romance e aventura, incluindo as de origem portuguesa, contadas como fonte de entretenimento, apresentando a realidade do povo nordestino, marcada pelas condições de vida, com suas lutas, costumes e desafios sociais. A arte da literatura de cordel, reflete o cotidiano de uma população muitas vezes afetadas pela seca, pela pobreza e desigualdade, mas rica em cultura, resistência e criatividade. Revela-se não apenas as dificuldades coletivas desse

povo, mas também como um meio de expressão e conscientização social com informações sobre os acontecimentos mais relevante para a população, sendo possível:

a partir dos textos pesquisados, a proximidade do cordel com a realidade daqueles que o produziam, englobando assim não somente aspectos da vida cotidiana, mas também elementos sociopolíticos muito importantes dentro da sociedade nordestina do início do século XX (Santos, 2018, p.10).

A autora evidencia uma relação direta entre o cordel e o modo de vida do povo nordestino, o que torna uma manifestação artística profundamente ligada à identidade e à História da região. O hábito de memorizar e transmitir, presentes nos cantos de trabalho, nas cantigas de embalar e em outras manifestações da cultura oral, a História se revela com poder e força na tradição da narrativa no Brasil. Essa herança da oralidade foi fundamental para a preservação e difusão de valores, saberes e experiências individuais e coletivas ao longo do tempo.

Barroso (2006) esclarece que a literatura de cordel chegou ao Brasil por volta do século XVI, sendo disseminada na região Nordeste com o processo de colonização e, posteriormente, levada para outras regiões do país. As diversas narrativas trazidas pelos colonizadores, como as histórias orais, foram sendo transmitidas de geração em geração, moldando a cultura nordestina e contribuindo para o imaginário popular ricos em ensinamentos, criando uma forma singular de contar e preservar as memórias.

O hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho, as cantigas de embalar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sedimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares (Barroso, 2006, p. 22).

O autor aponta ainda, que na literatura de cordel, estão implícitos aspectos de formação e reconstrução da cultura popular, destacando a ressignificação da cultura europeia em terras brasileiras. Sua disseminação em outras regiões do país reflete a concepção de cultura como "o resultado de um processo contínuo, no qual se inserem os significados das práticas sociais da vida diária do indivíduo". (Barroso, 2006, p.30). Ao destacar esse processo, o cordel não se limita à simples reprodução de histórias, em espaços de transformação cultural, no qual os elementos estrangeiros são reinterpretados e adaptados à realidade local. Portanto, a literatura de cordel vai além do caráter artístico, assumindo uma função social e histórico, preservando a memória e expressão da realidade

do povo nordestino, reafirma a força da cultura popular e sua capacidade de resistência diante das diversidades, mantendo viva a sua tradição e identidade, e que permite compreender como a memória, os valores e as experiências coletivas são passados e transformados como diferentes significados ao longo da História. Nesse entendimento, o autor dialoga com o objetivo da pesquisa, que utiliza o uso do cordel como recurso pedagógico no ensino de História, possibilitando o uso legítimo como fonte de preservação do conhecimento histórico e cultural, incorporado as produções cordelistas ao espaço escolar, sendo o professor o mediador desse conhecimento, promovendo a reflexão e valorização de suas próprias práticas culturais. Definindo o cordel como um processo contínuo de transformação cultural, e principalmente uma ressignificação da cultura europeia no espaço brasileiro, com ênfase no Nordeste, não apenas absorveram essa cultura, mas reinterpretaram e deram novos significados com suas próprias vivências e suas histórias e seus valores.

Santos (2018) aponta em seu estudo, a capacidade dessa arte de ir além das histórias de romance e aventura, incluindo aquelas de origem portuguesa, que eram contadas como forma de entretenimento. Além disso, ressalta seu papel na representação da realidade do povo nordestino e na transmissão de informações sobre os acontecimentos mais relevantes, sob uma perspectiva social e política, no início do século XX, como observa o autor:

É possível perceber, a partir dos textos pesquisados, a proximidade do cordel com a realidade daqueles que o produziam, englobando assim não somente aspectos da vida cotidiana, mas também elementos sociopolíticos muito importantes dentro da sociedade nordestina do início do século XX (Santos, 2018, p. 105).

A análise de Santos evidencia que a literatura de cordel não se restringe ao entretenimento ou à reprodução de narrativas ficcionais. Ao incorporar acontecimentos do cotidiano e questões sociopolíticas, o cordel passa a registrar experiências, conflitos e formas de organização da sociedade nordestina. Essa característica permite compreendê-lo como uma manifestação cultural intimamente relacionada ao contexto histórico em que foi produzido e, ao mesmo tempo, como uma importante fonte para a compreensão da realidade sociocultural do Nordeste brasileiro no início do século XX. Ao retratar o cotidiano da população e abordar questões como relações de poder, desigualdades sociais, religiosidade e práticas políticas, o cordel preserva memórias e revela diferentes interpretações da realidade vivida por seus autores e leitores. Essa característica reforça a importância da literatura de cordel como fonte histórica e recurso pedagógico no ensino

de História. Ao aproximar os estudantes das experiências, dos saberes e das manifestações culturais da população nordestina, o cordel possibilita a análise crítica dos processos históricos e favorece a compreensão de que a História também é construída a partir das narrativas, das vivências e das representações produzidas pelos diferentes sujeitos sociais.

Essas experiências incluem a compreensão do cotidiano, retratando aspectos do trabalho, das festas, da seca, da pobreza e da vida em comunidade, seja social e política, transmitindo valores, normas e críticas sobre a desigualdade, resistência e injustiças, tendo ainda as experiências culturais e estéticas, que possibilita o contato com ritmos, rimas e oralidade e demais artes populares. Além disso o cordel permite exteriorização das dificuldades e tensões sociais, transformadas em reflexões e expressão artísticas. Dessa forma, os saberes adquiridos por meio do cordel são formados por dimensões históricas, sociais, políticas, e estéticas, contribuindo para uma aprendizagem viva na memória e identidade do nordestino.

Com a disseminação da literatura de cordel pela região Nordeste, diversos aspectos foram surgindo e se transformando, sofrendo influências ao longo do processo, moldando suas características e inovando em sua maneira de contar e cantar o cordel, em feiras, praças, até a sua impressão no início do século XX.

Neves (2018) destaca a literatura de cordel como um produto histórico que sofreu influência ao longo do tempo, até adquirir as características ao gênero que conhecemos atualmente. Segundo o autor, a literatura de cordel é considerada

Como um produto histórico, que sofreu todas as influências dessa prática milenar de contar histórias, absorvendo determinados aspectos, em um longo processo de maturação, até chegar às características do gênero literário que hoje conhecemos como cordel ou literatura de folhetos (Neves, 2018, p.55).

Essa perspectiva permite compreender o cordel não apenas como um produto artístico, mas sim como o registro histórico e social, que reflete as mudanças culturais, sociais e políticas pelas quais passou a sociedade brasileira. Sua capacidade de adaptação e ressignificação, incorporando elementos regionais, linguísticos e estéticos, consolidam a identidade enquanto gênero literário, apresentando-o como exemplo de literatura viva e histórica, cujas mudanças e adaptações feitas ao longo do tempo, permitiu que o processo de contar histórias se desenvolva e com o contexto social e histórico até os dias atuais.

Ferreira (2018) apresenta um cenário de transição entre o mundo rural e o urbano, e sua conexão por meio da literatura de cordel surge como uma forma de retratar, através de suas rimas, o contexto social em que seu povo está inserido. Como aponta o autor:

Levando em consideração a segunda metade do século XIX no Brasil e as mudanças econômicas, políticas e sociais inerentes ao período é que se compreende que nesse período acontece o aviltamento das condições de vida das camadas populares e com a introdução do trabalho assalariado ocorre a quebra dos valores tradicionais. Nesse cenário de transição é que esse tipo de arte oral e baseada na confecção de folhetos escritos por homens pobres e semianalfabetos se consolida como mediação do mundo rural e do mundo urbano. Uma das formas de mediação entre o oral e o letrado, o popular e o erudito. Tendo como plano de fundo, o nordeste brasileiro (Ferreira, 2018, p.60).

Nesse sentido, a literatura de cordel constitui-se, enquanto expressão popular, uma mediação entre o rural e o urbano, o oral e o escrito, o popular e o letrado. Ao evidenciar o contexto histórico na metade do século XIX, é possível verificar a transição entre o trabalho escravizado para o assalariado, e a reestruturação de valores tradicionais vividas pela sociedade nesse período. Para Ferreira (2018) é nesse cenário de transição que o cordel se destaca como instrumento de registro das mudanças de vida e pensamento das camadas populares, em que folheto escrito por homens pobres e semianalfabetos, se concretiza entre a vida do homem no campo para a cidade. Nessa perspectiva o autor dialoga diretamente com os objetivos da pesquisa, pois procura utilizar o cordel como recurso didático nas aulas de História e valoriza a manifestação estética, mas também como fonte histórica e instrumento de leitura em diversos ambiente escolar, possibilitando a compreensão e necessidade de formação dos estudantes no processo histórico e de uma consciência crítica e historicamente acentuada.

A literatura de cordel aborda uma ampla variedade de temas dramáticos como o amor, traição, vingança, temas políticos e históricos como o voto de cabresto, o coronelismo, resistência, opressão, temas folclóricos, mitos, lendas como mula sem cabeça, temas como o cangaço, o sertão nordestino, pobreza, seca, êxodo rural, abuso de poder, sempre carregados com humor, adivinhas, piadas e temas também atuais como doenças, pandemia, robótica, bullying escolar, preservação ambiental, entre outros. Em folhetos narrativos e descritivos os quais eram amplamente difundidos, sobretudo em áreas rurais, como fazendas de gado e engenhos. Nessas localidades, eles tornaram-se uma fonte de entretenimento e informação para os moradores e trabalhadores, que, em grande parte, eram analfabetos. Para compartilhar essas histórias, reuniam-se ao redor de alguém que soubesse ler, permitindo-lhes compreender e apreciar os relatos presentes em cada página.

Ao analisar a literatura de cordel, Ferreira (2018) destaca que esse gênero preserva características da tradição oral e constitui uma importante manifestação da cultura

popular, transmitida de geração em geração por meio da leitura, da recitação e do canto. A autora evidencia que a oralidade não representa apenas uma forma de divulgação dos folhetos, mas um elemento constitutivo do cordel, responsável por aproximar narrador e público e por favorecer a circulação de histórias, valores e saberes entre diferentes grupos sociais.

Essa compreensão é ampliada por Negrão (1975), ao enfatizar que, mesmo após sua impressão, o cordel preserva as marcas da oralidade que caracterizam sua origem. Segundo Negrão (1975), "Literatura de cordel ou romanceiro popular nordestino é a literatura oral, em verso, feita para ser cantada ao som da viola, ou recitada, e que, quando impressa, mantém intacta a característica da oralidade original" (Negrão, 1975, p. 135).

A definição apresentada por Negrão reforça a ideia defendida por Ferreira ao demonstrar que a impressão dos folhetos não elimina sua natureza oral. Ao contrário, o cordel mantém características que favorecem sua leitura em voz alta, sua declamação e sua circulação em diferentes espaços sociais. Essa forma de transmissão permitiu que os folhetos alcançassem um público amplo, inclusive pessoas que não dominavam a leitura e a escrita, tornando-se um importante veículo de divulgação de acontecimentos, valores culturais e narrativas históricas.

Essa articulação entre oralidade e escrita constitui um dos aspectos que justificam o uso da literatura de cordel como fonte histórica e recurso pedagógico no ensino de História. Ao registrar experiências, preservar memórias e representar diferentes aspectos da realidade social, política e cultural, o cordel favorece a construção do conhecimento histórico de maneira crítica e contextualizada. Além disso, possibilita o diálogo com áreas como Literatura, Arte, Filosofia e Sociologia, contribuindo para práticas pedagógicas interdisciplinares que valorizam a cultura popular e aproximam os estudantes de suas experiências e de seu contexto sociocultural. Segundo Negrão (1975)

“Literatura de cordel ou romanceiro popular nordestino é a literatura oral, em verso, feita para ser cantada ao som da viola, ou recitada, e que, quando impressa, mantém intacta a característica da oralidade original” (Negrão, 1975, p.135).

Para o autor a literatura de cordel se afirmou como um importante instrumento de transmissão e circulação de informações, bem como as narrativas histórica, que eram levadas a lugares distantes nas fazendas de gado e nos engenhos, tornando acessível às populações que não sabiam ler.

Essa extensão da oralidade proporciona a compreensão da sua importância, e torna-se essencial para a sua aplicação enquanto fonte histórica e recurso pedagógico para

o ensino de História, permitindo aos estudantes o acesso ao conhecimento histórico que dialoga com outras áreas do conhecimento como a literatura, a arte, filosofia e a sociologia, com suas origens culturais e suas experiências de vida. Assim, ao propor o cordel como recurso didático, esta pesquisa procura resgatar a valorização de práticas tradicionais, voltadas para o ouvir e compartilhar as experiências, de maneira que o conhecimento seja pautado em narrativas legítimas como fonte histórica de leitura e de vida em sociedade.

Haurélio (2016) em seu livro “Breve História da Literatura de Cordel”, apesar de existirem registros de folhetos publicados anteriormente por outros autores, Leandro Gomes de Barros é considerado como o grande precursor da disseminação da literatura de cordel no Brasil e o maior autor do gênero. Este que foi um poeta paraibano, nascido em Pombal, iniciou a produção em escala comercial deste tipo de material em Recife, capital pernambucana, no final do século XIX, por volta do ano de 1893, de forma a padronizar o modelo de escrita e favorecer a sua popularização como evidência para a oralidade presente na literatura de cordel contribui para a construção dos discursos das camadas populares e a propagação das suas vivências.

Entender a contribuição de Leandro Gomes de Barros, conforme apresentado por Haurélio(2016), é importante para que o estudante compreenda o processo de disseminação dessa literatura no Nordeste e posteriormente em outras regiões do Brasil, consolidando como uma expressão popular e ao padronizar as suas produções em folhetos e comercializá-los no final do século XIX, possibilitou ao poeta desempenhar um importante papel na centralização e popularização dessa narrativa que ora enraizada na oralidade, encontra um novo campo de proliferação por meio da impressão dos folhetos. Ainda, na dimensão da oralidade e na representatividade popular, o cordel é um excelente recurso pedagógico para o ensino de História, permitindo aos estudantes acesso ao conhecimento histórico, por meio de narrativas que expressam de sentimentos, resistência, religiosidades, enraizadas no imaginário popular.

A utilização do cordel em sala de aula, permite ao estudante reconhecer, valorizar e refletir sobre as vozes e experiências, voltadas para uma aprendizagem que desperte a criticidade e valorize o modo de vida de pessoas que viveram em períodos históricos diversos, ampliando sua visão e empatia histórica e valorização da cultura nordestina. Muitas dessas características fazem dessa arte um importante instrumento educativo e comunicativo, além disso, abre espaço para expressar inquietações e subjetividades das pessoas por meio de versos e rimas. Assim, ao trabalhar a importância e contribuição de

Leandro Gomes de Barros (2007) para a disseminação e propagação do cordel ao maior número de pessoas possível, a pesquisa reafirma a importância do cordel como um recurso e fonte histórica para o ensino de História, pois enaltece o seu potencial em utilizá-lo pelo professor no âmbito da sala de aula.

Além disso, possível inferir ao seu devido caráter marcado pela oralidade e musicalidade, aspectos que tornam a compreensão mais acessível e facilitam a disseminação de seus textos entre as camadas menos favorecidas da população. O cordel desempenha um papel significativo em diversos contextos da História brasileira, além de constituiu-se como um recurso fundamental para a propagação de ideias e a mobilização popular em diferentes momentos históricos, proporciona segundo Freire (1996, p.41)

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Nesse sentido o pensamento de Freire expressa uma visão profundamente humanizadora da educação. Para ele, a prática educativo-crítica deve transcender a simples transmissão de conteúdos, voltando-se à formação integral do sujeito. Nessa perspectiva, ensinar não é apenas um ato técnico, mas um gesto político e ético, pois envolve a construção da consciência de si e do mundo.

Ao afirmar que a educação deve propiciar a experiência de assumir-se, como ser social e histórico, pensante e transformador de seus sonhos, o autor defende que o espaço escolar precisa favorecer o autoconhecimento dos estudantes, em que o ensino de História seja um lugar de escuta, de observação, criação, reconstrução individual e coletiva do conhecimento, se conecta com a História e sua cultura, possibilitando uma educação com diversidades culturais. A proposta em utilizar a literatura de cordel como recurso didático e fonte histórica nas aulas de História parte dessa concepção em que o ensino deve promover o reconhecimento dos estudantes como sujeitos históricos, culturais e críticos, proporcionado as condições necessárias para a sua própria aprendizagem.

Isso significa reconhecer-se como sujeito inserido em um contexto social, detentor de sua própria realidade, ao se comunicar e transformar suas experiências em desafios a serem superados em que estão presentes os direitos, responsabilidades em sua própria realidade.

SEÇÃO 2

ESTRUTURA FORMAL E ESTÉTICA DO CORDEL

A literatura de cordel é apresentada tanto na forma escrita quanto na forma cantada. As cantorias mais antigas são as de viola, conhecidas como repentes, são compostas por poemas improvisados que incluem desafios poéticos, também chamados de pelejas, além de canções e versos entoados. Quando essas cantorias são transcritas para o papel, originam um novo formato dentro do cordel, os folhetos embora se manifeste de maneiras distintas, seja oralmente ou por meio da escrita, trata-se de uma única expressão poética, caracterizada pela riqueza e dinamismo da literatura de cordel. Abreu (1999) afirma que somente em 1970, o termo “literatura de cordel” passou a ser empregado, antes disso, as obras eram denominadas de folhetos ou simplesmente livros de versos, além de serem conhecidas como poesias populares na época.

Os primeiros repentistas não seguiam rigidamente as normas gramaticais, métricas ou de rima, nem mantinham um padrão fixo para a quantidade de versos em cada estrofe. Enquanto alguns versos se estendiam além do esperado, outros eram excessivamente curtos, enquanto hoje para se tornar um cordel, são necessários três elementos: métrica, rima e oração. Ademais, o Nordeste brasileiro é considerado o berço da literatura de cordel, que, com o tempo, se espalhou por todo o Brasil, alcançando desde os grandes centros urbanos até o interior e as zonas rurais. Os poetas cordelistas eram viajantes que percorriam o sertão nordestino com suas obras. Com o aumento das vendas dos folhetos, passaram a percorrer distâncias cada vez maiores.

O processo migratório ocorrido no Nordeste, tanto para a região Amazônica no início do século XX, com o crescimento do ciclo da borracha, quanto para a região Sudeste, em busca de refúgio da seca, contribuiu para a disseminação dos folhetos e suas cantorias em uma proporção nunca imaginada pelos seus poetas, também conhecidos como cordelistas.

Em 1988, foi fundada no Rio de Janeiro a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), que reúne poetas e xilogravuristas. Em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu a literatura de cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. O gênero literário ganha maior visibilidade e alcança um novo patamar na academia, tendo destaque e crítica no Brasil, enaltecendo o status, considerada uma literatura não mais arcaica e sim moderna, que faz parte da memória dos brasileiros, como se encontra descrito no dossiê do IPHAN:

[...] um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. Os poetas brasileiros no século XIX conectaram todas essas influências e difundiram um modo particular de fazer poesia que se transformou numa das formas de expressão mais importantes do Brasil [...]. um gênero literário que obrigatoriamente possui três elementos: métrica, rima e oração. Esses três elementos da poética do cordel constituem os fundamentos que precisam ser apropriados por quem deseja produzir um cordel. (IPHAN, 2018, p.16).

A apresentação descritiva feita pelo IPHAN afirma a importância de preservação do patrimônio cultural imaterial brasileiro, conectado às tradições africanas, indígenas, europeias e árabes, que mesclaram a formação de nossa sociedade. Essa miscigenação torna a literatura de cordel um recurso pedagógico importante no ensino de História, isto porque, a diversidade de povos que fizeram parte da colonização, marcam as resistências culturais presentes na educação, na oralidade e na memória popular. A pesquisa dialoga com essas fontes seja tradicional ou não, seja como oral ou escrita, contribuindo para a preservação e valorização da aprendizagem no espaço escolar.

O IPHAN (2018) aponta ainda, que a literatura de cordel possui três elementos essenciais na sua composição: métrica, rima e oração. Entretanto no início do século XX os folhetos eram produzidos por pessoas não alfabetizadas, nos folhetos do acontecido, em que as notícias mais importantes do país eram transmitidas, os cordelistas tinham que seguir uma estrutura de versos composto por quatro tipos de estrofes: a quadra, a sextilha, a setilha e a décima.

Com exceção dos cordéis de peleja, em que os versos são dispostos de acordo com a cantoria, as quadras seguem os esquemas com exceção dos cordéis de peleja, nos quais os versos se organizam conforme a dinâmica da cantoria, as demais composições seguem esquemas métricos e rítmicos mais regulares. As quadras apresentam, geralmente, os esquemas de rima ABCB ou ABAB; as sextilhas seguem o padrão ABCBDB; as setilhas mantêm organização semelhante, com variações conforme o estilo do autor; e, nas décimas, predomina o esquema ABBAACCDDC, para décimas temos ABBAACCDDC. Nos versos de sete sílabas, conhecidos como sextilhas, o segundo verso precisa rimar com o quarto e com o sexto versos, enquanto os demais podem ficar livres (Abreu, 2018). Exemplo de uma sextilha:

A gente vive pensando
Onde é que vai parar
Ganhando pouco dinheiro
Sem nada para gastar
Nessa pobreza sem fim

A vida é de amargar (Abreu, 1999, p. 23).

Silva (2012), destaca que a sextilha é uma estrofe composta de seis versos e sete sílabas, em que as linhas pares rimam entre si. É considerada uma das mais importantes modalidades na literatura de cordel. Pode apresentar diferentes variações, como abertas ou fechadas, soltas, corrida ou desencontrada, sendo indicada para os poemas mais longos e com versões romaneadas. Segundo Silva (2012, p.48-49).

É uma modalidade rica, obrigatória também no início de qualquer cantoria, assim como nas longas narrativas e nos folhetos de época. Também muito usada nas sátiras políticas e sociais. É uma modalidade que apresenta ao menos cinco estilos: aberto, fechado, solto, corrido e desencontrado, sendo que tanto os poetas cordelistas quanto o repentista se utilizam da sextilha aberta, ou seja, rimando os versos pares e deixando os primeiros e terceiros e quintos sem rima [...] O estilo fechado também é muito praticado, uma vez que todos os versos rimam e isso prende muito o poeta. E não é bom sacrificar uma ideia em favor de uma rima.

Silva (2012, p. 47) cita exemplo de sextilha:

Sextilha é este estilo
Que você está lendo agora:
Seis versos de sete sílabas,
E foi enorme a melhora,
Pois cada estrofe assim vibra
De maneira mais sonora.

A setilha é outra modalidade de cordel, relativamente nova composta de sete versos e sete sílabas, rimando os versos pares até o quarto, o quinto verso rima com o sexto, o sétimo com o segundo e o quarto.

As décimas são estrofes de dez versos de sete sílabas, usadas principalmente por poetas de bancada e repentistas, em que as narrativas se prolongam, assim chamadas de longos fôlegos. A organização da estrutura da décima do cordel obedece ao modelo clássico, segundo Mattoso (2010, p. 160):

A estrofe décima que tanto pode ter existência autônoma quanto integrar poemas de diversos formatos, é conhecida como décima e admite metros que vão do tetra ao deca, mais comumente. Neste último caso, enquadra-se na lei da quadratura, pela qual se regem a balada literária e o martelo agalopado. Moldes isotrópicos, como a écloga (Cláudio Manuel da Costa), além da elegia e da ode, também podem ser vazados em estrofes deste formato. Mas é na poesia satírica e fescenina que a décima desempenha seu potencial de síntese.

A construção dos versos na literatura de cordel na décima, possui métricas específicas, com redondilhas maior e variados ritmos. Já no decassílabo conhecido

popularmente como martelo agalopado, que é uma das modalidades da décima, as sílabas tônicas caem na terceira, sexta e décima sílabas (3-6-10).

O martelo agalopado compreende estrofes de dez versos com dez sílabas, conhecida como uma das mais antigas modalidades da literatura de cordel, em que os martelianas, como eram chamados os cordelistas, não tinham compromisso com a quantidade de versos para a sua composição. O verso decassílabo em 3,6,10, destaca o ritmo padrão da leitura do verso, imitando as batidas de um martelo, adicionadas ao galope de um cavalo. Mattoso (2010, p. 122) apresenta essa analogia:

No caso brasileiro, o martelo ganha um interessante adjetivo: "agalopado", como um bife acebolado ou um palacete assobradado. O termo reforça a noção popular de que o verso seria "martelado" porque ressoa tão ritmicamente como as batidas dum martelo, e, como esse compasso anapéstico lembra a corrida do cavalo, a associação com o galope veio a calhar entre os que estão habituados à cena sertaneja nordestina. Nada mais propício, portanto, à adoção generalizada.

A quadra são versos de quatro sílabas, sendo a mais curta de todas as modalidades, com palavras breves por não ultrapassar a métrica da estrutura do cordel. Isso faz com que o esquema rítmico facilite a memorização do cordel e sua leitura em voz alta feita pelo cordelista. Exemplo de uma estrofe com a seguinte estrutura:

A – A Luíza do Zé Braz,
B – Neta do Zé do Mogêro,
C – Era a moça mais bunita [sic]
B – Lá da Serra do Perêro (Cordel “A Estátua do Jorge”, de Alberto Porfírio).

A – Quem não levar um cordel
B – De jeito nenhum me ataca,
C – Também não vou condenar
B – Sua teoria fraca,
D – Mas vai ficar com o rabo
B – Igualmente o da macaca (Cordel “História de Jesus, o Ferreiro e a Macaca”, de José Costa Leite).

A – Um cabra de Lampião
B – Por nome Pilão Deitado
C – Que morreu numa trincheira
B – Em certo tempo passado
D – Agora pelo sertão
D – Anda correndo visão
B – Fazendo mal-assombrado (Cordel “A Chegada de Lampião no Inferno, de José Pacheco da Rocha).

A – Eram doze cavalheiros,
B – Homens muito valorosos,
B – Destemidos e animosos
A – Entre todos os guerreiros,

A – Como bem fosse Oliveiros,
 C – Um dos Pares de fiança,
 C – Que sua perseverança
 D – Venceu todos os infiéis –
 D – Eram uns leões cruéis
 C – Os doze Pares de França (Cordel “A batalha de Oliveiros
 com Ferrabrás”, de Leandro Gomes de Barros).

Maxado (2011) descreve os cordéis de acordo com a sua estrutura como descritivos e exemplificativos, podendo ser classificados levando em conta a maioria dos folhetos e traços estilísticos:

Assim, temos folhetos de época ou de ocasião; históricos; didáticos ou educativos; biográficos; de propaganda política ou comercial; de louvor ou homenagem; de safadeza ou putaria; maliciosos ou de cachorrada; cômicos ou de gracejos; de bichos ou infantis; religiosos ou místicos; de profecias ou eras; de filosofia; de conselhos ou de exemplos; de fenômenos ou de casos; maravilhosos ou mágicos; fantásticos ou sobrenaturais; de amor ou de romance amoroso; de bravura ou heroicos; vaquejadas; de presepadas ou dos anti-heróis; de pelejas ou de desafios; discussão ou de encontros; de lendas ou mitos; pasquim ou de intrigas; etc. (Maxado, 2011, p. 65).

Segundo Maxado (2011), os folhetos de cordel podem ser classificados conforme o conteúdo maioritário em variadas categorias diversas como:

- a) Cordéis de Época ou de Ocasião. Também conhecidos como Cordéis de Acontecimentos ou Circunstâncias, caracterizam-se por abordar notícias, acontecimentos de repercussão social, comentando-os, interpretando-os.
- b) Cordéis históricos, são aqueles que narram acontecimentos de relevância histórica, geralmente com um impacto maior do que os temas abordados pelos cordéis de circunstância. Um exemplo é o folheto A morte do grande presidente Getúlio Vargas, de Rodolfo Coelho Cavalcante.
- c) Cordéis didáticos ou educativos, destinam-se a ensinar e transmitir conhecimento. Um exemplo é o cordel A fera invisível ou o Triste Fim de uma Trapezista que Sofria do Pulmão, de João José da Silva, encomendado pelo médico sanitariano Noel Nutels (1913-1973) como parte de uma campanha de conscientização sobre a tuberculose e a importância da vacinação.
- d) Cordéis biográficos, retratam a trajetória de personalidades históricas, sendo uma das formas mais antigas de narrar a vida de figuras marcantes. Um exemplo é o cordel A Vida do Poeta Castro Alves, de Rodolfo Coelho Cavalcante. Os cordéis de louvor ou homenagem, enaltecem ou prestam tributo a personalidades, classes sociais, eventos, localidades, festas, aspectos religiosos, entre outros. Um

exemplo é o folheto *O Progresso de Juazeiro na Gestão de Erivano Cruz*, de Pedro Bandeira de Caldas.

- e) Cordéis de propaganda política ou comercial, são utilizados para exaltar as qualidades e virtudes de candidatos políticos ou para promover produtos, estabelecimentos comerciais e serviços. Um exemplo é o folheto *Atenção, Brasil: Jânio Quadros vem aí para presidente da República*, de Carolino Leobas.
- f) Cordéis de promoção pessoal e anonimato, exaltam figuras públicas, instituições ou eventos com o objetivo de obter algum benefício. Muitos poetas que escrevem esse tipo de cordel buscam autopromoção, embora existam exceções. Um exemplo é o cordel *O encontro de Téo com Luiz Gonzaga no parque Asa Branca*, de Teófilo de Azevedo Filho (Téo).
- g) Cordéis de pasquim ou de intriga, caracterizam-se pelo anonimato proposital e são produzidos com o intuito de criticar, satirizar, caluniar ou expor informações desfavoráveis sobre pessoas ou instituições. Um exemplo é o folheto *A chegada de Fernando Rocha Perez ao Inferno*, escrito por um autor desconhecido.

Dessa forma, ao observar a estrutura e a métrica do cordel – seja em quadra, sextilha, setilha ou décima –, a leitura em voz alta deve equilibrar os aspectos orais e escritos. Como aponta Abreu (1999), "a fixação na forma impressa não eliminou a oralidade como referência para suas composições". Assim, mesmo sendo textos escritos, a leitura em voz alta é essencial para preservar sua sonoridade, garantindo a manutenção da métrica, do compasso e do ritmo.

Com a consolidação desse novo gênero literário, o cordel passou a ocupar um lugar de destaque, promovendo o reconhecimento nacional dos primeiros cordelistas no Brasil. Dentre eles, destacam-se Silvino Pirauá, Francisco Chagas Batista, Patativa do Assaré, Rodolfo Coelho Cavalcante, João Camilo de Melo Resende, Manoel D' Almeida Filho, Cuíca de Santo Amaro, João Martins de Ataíde e, em especial Leandro Gomes de Barros, que é considerado o precursor da literatura de cordel no Brasil. O poeta nasceu em Pombal, Paraíba, em 19 de novembro de 1865, e faleceu em 1918, deixando um legado de mais de mil folhetos. Entre suas obras, destacam-se *Uma Viagem ao céu*, *A caganeira*, *O padre de nossos impostos*, *O cachorro dos mortos* entre muitas outras obras. Uma das características de suas obras é a peleja são embates que sobre as estrofes “Peleja de Manoel Riachão com o diabo” que versa sobre um homem negro desconhecido que o convida a tocar e cantar, como se estivesse convidando para um duelo entre dois personagens, o Negro e o Riachão. Nesse duelo a oralidade se configura como a tradição

cheia de ritmos orais e com características de improviso e cantoria nordestina. Além da cantoria esses versos revelam questões sociais como preconceito e históricas voltadas para as relações de poder presentes nas discussões no período pós escravidão no Brasil, marcado por resistência e enfrentamento simbólico.

Negro: Seja livre ou seja escravo
eu quero é cantar martelo,
afine a sua viola
vamos bater-se em duelo
só com a minha presença
o senhor está amarelo.
Riachão: Vejo vulto tão pequeno
que nem posso enxergar,
julgo que nem é preciso
minha viola afinar
pela ramagem da árvore
vê-se o fruto que ela dá. (Barros, 2007)

A utilização desse tipo de cordel em sala de aula possibilita o debate crítico sobre temas ligados a identidade, racismo e resistência. Valoriza a cultura popular como fonte histórica, estimula a leitura, contribui para o despertar e o protagonismo estudantil, com a criação de versos baseados em eventos históricos. Barros viveu exclusivamente de sua poesia. Em 1889, mudou-se da Paraíba para Pernambuco, onde se dedicou integralmente à sua produção literária, atuando em todas as etapas desse processo, desde a escrita e revisão até a comercialização de seus folhetos em praças e feiras. Segundo Batista (2020) "seu comércio era fazer versos e sair para vendê-los". Foi reconhecido como o mais importante cordelista de sua época, destacando-se por sua singularidade e talento inigualável. Batista (2020) descreve a relevância de Barros (2007) para a literatura de cordel no Brasil:

Não teve outro negócio a não ser o de fazer versos e vendê-los. Muitos outros folhetistas surgiram depois de Leandro, mas nenhum o igualou. Era o poeta do povo. Os seus folhetos ainda hoje são os mais procurados. [...] Gustavo Barroso (João do Norte) referindo-se a Leandro Gomes, escreveu no seu livro o seguinte: “Repito o que disse de outras canções anteriores: dificilmente se encontrarão, em qualquer Folclore do mundo, motejos em versos mais bem feitos de que estes, devidos à inspiração do grande cantor popular dos Sertões do Nordeste, Leandro Gomes de Barros, um verdadeiro Catulo da Paixão Cearense, daqueles ásperos rincões”. [...] Leandro foi na realidade, o rei dos poetas populares do seu tempo. (Batista, 2020, p. 98).

Silva (2008), apresenta Leandro Gomes de Barros, como o pioneiro no repente e no campo dos folhetos, tendo destaque as três estrofes do folheto “O cachorro dos mortos”:

Os nossos antepassados
 eram muito prevenidos
 Diziam: matos têm olhos
 E paredes têm ouvidos
 Os crimes são descobertos
 Por mais que sejam escondidos.

Em oitocentos e seis
 Na província da Bahia
 Distante da capital
 Três léguas ou menos seria
 Sebastião de Oliveira
 Ali num canto vivia.

Ele, a mulher e duas filhas
 E um filho já homem feito
 O rapaz era empregado
 E estudava direito
 O velho não era rico
 Mas vivia satisfeito (Barros, apud Silva, 2008, p. 64).
www.dominiopublico.gov.br/pesquisa

A estrutura de seus versos exemplifica tanto a simplicidade quanto a riqueza narrativa presente em seus folhetos, utilizando um esquema de rimas característico, como o XAXAXA, consolidado na sextilha de redondilhas maiores, sua principal referência, seguindo a mesma modulação da quadra, versos ímpares ascendentes e versos pares descendentes. Outra forma recorrente em sua composição era a décima, estruturada em estrofes de dez versos com sete sílabas poéticas (redondilha maior), seguindo o esquema de rimas ABBAACCDDC. Um exemplo clássico desse estilo são as duas décimas que introduzem o folheto Batalha de Oliveiros com Ferrabráz. Nesse texto, Leandro opta pela décima, possivelmente por seu caráter solene e épico, adequado à narrativa de grandes feitos, como os descritos nessa célebre lenda.

Eram doze cavaleiros
 Homens muito valorosos,
 Destemidos, animosos,
 Entre todos os guerreiros,
 Como bem fosse Oliveiros,
 Um dos pares de fiança,
 Que sua perseverança
 Venceu todos infíéis,
 Foram doze leões cruéis
 Os Doze Pares de França!

Todos eram conhecidos
 Pelos leões da igreja,
 Pois nunca foram a peleja
 Que nela fossem vencidos,
 Eram por turcos temidos,
 Pela igreja estimados,

Porque quando estavam armados
 Suas espadas luziam,
 E os inimigos diziam:

— Esses são endiabrados (BARROS, apud Silva, 2008, p. 70)
<http://docirt.com/docreader.net/WebIndex/WIPagina/RuiCordel/180>

Nos versos apresentados observa-se a sensibilidade do plural, com uso das sextilhas em sua composição, expressão sempre empregada nas narrativas de Barros.

Um século separa as obras de Leandro Gomes de Barros das de Klevisson Viana, cordelista contemporâneo. Desde jovem, Viana demonstrou interesse pela xilografia e pela literatura popular, utilizando a arte gráfica na confecção de seus cordéis. Ele inovou sua atuação como cordelista ao realizar palestras, ministrar oficinas e incorporar em seus textos temas políticos, sociais e culturais.

Além disso, oferece aos seus leitores elementos que ultrapassa as barreiras do tempo, incluindo personagens de filmes em suas obras, sem abandonar o padrão clássico da literatura de cordel. Mantém o uso tradicional das sextilhas, setilhas ou décimas, preservando a métrica e as rimas características desse gênero literário.

Sua produção dialoga com questões contemporâneas em uma sociedade em constante transformação. Ademais, reconhece a importância da tecnologia na disseminação do cordel por meio das mídias digitais, contribuindo, assim para a preservação e a divulgação e modernização desse patrimônio cultural.

Observe a estrofe do poema “Onde está a felicidade?” de Klevisson Viana, nele contém elementos argumentativos e explicativos como o porquê? pois, acomodação, pode estar em coisas simples. Vejamos:

Creio que a felicidade
 Não depende de riqueza,
 Pois ela se faz presente
 Num gesto de singeleza,
 Num sorriso, num olhar
 Eu vejo essa chama acesa. [...] (Viana, 2021, p. 113)

Em outro poema intitulado: São fantasmas escondidos nos porões da mente humana, utiliza a décima, descreve a mente humana cheias de sonhos e traumas e como ela é difícil de assimilar e entender.

A mente humana é complexa
 Tem mil gavetas lotadas
 Sonhos, memórias frustradas
 Deixa a ciência perplexa
 Uma ideia desconexa
 Torna a mente quase insana,
 Que se esquia ou se ufana

Dos anos ruins vividos.
São fantasmas escondidos
Nos porões da mente humana. (Viana, 2021, p. 69).

Viana (2010) descreve o cordel como sendo um veículo de disseminação de informações, ou seja, como uma modalidade primitiva de jornalismo popular. Vale ressaltar que, as notícias eram transmitidas pelos poetas nordestinos nas vilas, cidades do interior e fazendas. Esse hábito, profundamente enraizado na cultura popular, de acompanhar as notícias por meio dos versos rimados dos poetas, ainda permanece vivo em diversos centros urbanos e rurais do Nordeste. Embora não aborde todos os temas ou acontecimentos que fazem parte da vida, no seu período, o autor interpreta de acordo com suas expectativas, com características e linguagem independente, distintas dos meios de vinculação, o que permite oferecer uma leitura crítica e criativa, expressando a opinião pessoal de quem escreve.

Porém, o tempo acaba provando que o novo meio pode viver paralelamente com os outros. Como afirma Viana:

enfatizaria a credibilidade do cordel da seguinte forma: quando o homem foi à Lua, as camadas mais humildes da população zombaram dos meios de comunicação. Bastou os cordelistas abordarem o tema para as pessoas passarem a acreditar. As pessoas confiam e acreditam plenamente no folheto. Também os assuntos são os mais diversos. Muitas vezes quem determina o assunto é o próprio público leitor. No caso, esse folheto é jornalístico. O cordel não perde a validade por existir outros meios. Ao contrário, as pessoas leem a notícia no jornal e querem saber o que o poeta de cordel pensa a respeito daquilo (Viana, 2010, p.113).

Em suas palavras Viana descreve o cordel como sendo um meio rudimentar, proveniente das camadas populares e folclóricas, ganhando uma proporção nunca vista, tornando-se um instrumento de consciência e reflexão para leitores e ouvintes sobre os acontecimentos nacionais e mundiais, mesmo tendo outros meios de comunicação de massa como o rádio, o cinema, a televisão, e as mídias sociais, continua a preencher o seu espaço, inserindo-se nas culturas de massas. Ele aponta os meios de comunicação, a televisão, e o uso do cordel no cenário nordestino:

Não tem programa porreta
Como “O Capital Nordeste”
Há quatro anos é líder
Mostra a arte do agreste
O paraibano Assis
Defende nossa raiz
Prova ser cabra da peste.
Dando espaço pro cordel
Pro aboio e vaquejada

Seu programa é saboroso
Como um prato de coalhada
Baião-de-dois com paçoca
Como o repente que toca
A nossa alma lavada
O cordel é professor
Para quem gosta e para quem ama
Os poetas populares
ligados no seu programa
O Nordeste lhe adora
Isso ninguém ignora
Êta programa de fama (Viana, 2002, p. 2).

Assim, a literatura de cordel constitui um importante instrumento de expressão de narrativas históricas que, muitas vezes, não estão presentes nos livros didáticos. Ao abordar acontecimentos sociais, políticos e culturais, o cordel possibilita que os estudantes analisem diferentes interpretações produzidas por autores, comunidades e outros sujeitos históricos, desenvolvendo uma compreensão crítica do passado e reconhecendo a oralidade como parte do patrimônio cultural brasileiro. Não se limita ao entretenimento, mas funciona como um veículo de informação que, apesar dos avanços tecnológicos e da passagem do tempo, continua se reinventando e permanecendo vivo na cultura brasileira.

SEÇÃO 3

A LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO PEDAGÓGICO E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Considerando a necessidade de aproximar o ensino de História da realidade dos estudantes, esta dissertação propõe a utilização da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte, visando tornar o processo de ensino e aprendizagem significativa.

Ademais, busca-se responder a seguinte pergunta como a literatura de cordel pode ser utilizada no ensino de História?

O uso da literatura de cordel no ensino de História representa uma oportunidade de enriquecimento na abordagem histórica, além de integrar a leitura ao processo educacional em sala de aula. A adoção de métodos que dialoguem com outras áreas do conhecimento torna-se essencial para a aprendizagem, no qual o estudante é parte ativa por isso, torna-se necessário e relevante utilizar a literatura de cordel no ensino de História, no ensino médio da rede pública de ensino. Nesse sentido Freire (1996, p.41) ressalta que:

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Nessa perspectiva ao utilizar a literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte no ensino de História, com ênfase na cultura popular, faz-se necessário destacar a importância dessa ferramenta ao relacionar os conteúdos trabalhados no livro didático com a realidade sociocultural dos estudantes. A literatura de cordel carrega uma forte expressão popular, leva em sua bagagem a memória coletiva, a oralidade e a maneira de viver de diferentes povos e grupos sociais, especialmente na região Nordeste do Brasil. Possibilita ainda, o estudo da História em sua formação e reflexão crítica sobre a própria trajetória de vida. Além disso, ao utilizá-la como recurso didático, incentiva-se o engajamento dos alunos com um conteúdo com o qual se identifica, tornando o aprendizado mais significativo e participativo e um meio acessível, para o trabalho do professor em sala de aula, com estrutura e linguagem acessível aos estudantes, permitindo a compreensão dos conteúdos e dos sentidos históricos, partindo da sua própria vivência,

capaz de se assumir se como sujeito de sua própria história, como amar, sonhar, e tudo que faz parte da sua vivência.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aponta que “todo conhecimento do passado é também um conhecimento presente elaborado por distintos sujeitos” (Brasil, 2018, p. 100). Essa compreensão confirma o pensamento de que o ensino de História não pode estar limitado a fatos cronológicos, mas sim na compreensão de análise de narrativas. O professor mediador e o aluno em sua extensão, interpreta objetos, lugares, saberes, elaborando hipóteses e consequentemente produz conhecimento histórico de maneira crítica e contextualizada.

Todo conhecimento do passado é também um conhecimento presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indicado com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. as perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambos expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico (Brasil 2018, p. 100).

A proposta de utilizar o cordel em sala de aula dialoga diretamente com esses princípios. Ao produzir seus próprios folhetos, os estudantes não apenas exercitam a escrita e a criatividade, mas também constroem uma leitura histórica do seu entorno, reconhecendo-se como parte de processos sociais e culturais mais amplos. Dessa maneira, desenvolvem habilidades previstas na BNCC, como identificar a participação histórica da cultura popular na formação da identidade brasileira, analisar diferentes fontes e narrativas, compreender ideias filosóficas, eventos e processos históricos expressos em diversas linguagens. pode ser explorada em diferentes temas, alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular e as habilidades correspondentes em cada temática estabelecida. Além de servir como um instrumento de abordagem cada vez mais presente no currículo escolar, fomentando o diálogo com outras áreas do conhecimento e promovendo uma maior valorização da diversidade cultural. Silva e Arcanjo (2012) destacam que o trabalho com a literatura de cordel no contexto escolar é de extrema importância para a formação dos alunos, contribuindo tanto para seu desenvolvimento individual quanto para o fortalecimento da coletividade. Dessa forma, a incorporação da literatura de cordel no ensino de História auxilia no alcance dos objetivos educacionais propostos na pesquisa

A BNCC (2018) orienta para o ensino de História, para a compreensão do aluno aos conhecimentos históricos, as relações de igualdade e desigualdade entre os seres

humanos, a manutenção de uma sociedade cujas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, passam por constantes transformações, busca a reflexão do sujeito em diferentes espaços, e como suas experiências refletirão na sala de aula, procura, por meio da literatura de cordel e o ensino de História, uma ferramenta pedagógica que resulte em uma aprendizagem que dialogue com diferentes áreas do saber, estimulando os alunos a participação, contempla habilidades voltadas para o ensino de História e em identificar a participação histórica da cultura popular na formação da identidade brasileira, relacionado aos textos, tanto na produção escrita, quanto na produção de seus próprios cordéis voltados ao trabalho contextualizado com a realidade sociocultural do estudante. Nesse sentido orienta ainda, identificar as diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas de processos e eventos históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais.

Nessa compreensão, o uso da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte histórica no ensino de História propicia a interdisciplinaridade entre diferentes áreas do conhecimento. Modesto e Santos (2015) corroboram nessa perspectiva ao destacar a necessidade em estar em consonância com as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, que propõem a integração e o compartilhamento dos saberes, além da superação do modelo curricular tradicional. Destaca a importância do trabalho nas aulas de História, utilizando a literatura de cordel como fonte e recurso pedagógico, justificando seu emprego não apenas como um recurso didático, mas também como fonte para construir e despertar a relação identitária dos alunos.

Dessa forma, o uso da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte de ensino na disciplina de História promove o diálogo, propiciando o desenvolvimento da autonomia, iniciativa, consciência crítica dos estudantes, colocando-os em consonância com as narrativas populares em diversos contextos históricos. Ao produzirem seus próprios cordéis, os estudantes se sentem partes da História, por meio de expressão e linguagens utilizadas em sua criatividade, fortalecendo o sentimento de identidade e mais próximo do ensino de História, fomentando reflexões críticas sobre sua própria trajetória de vida.

Evidencia-se a importância do uso do cordel como recurso e fonte no ensino de História, de maneira que possa contribuir com o incentivo à leitura, à arte e à comunicação. A literatura de cordel, quando utilizada como recurso didático nas aulas de História, revela-se uma ferramenta eficaz, pois estimula a oralidade e a leitura, além de

aproximar estudante da sua realidade. Porto (2009), destaca que o processo de ensino-aprendizagem deve proporcionar situações que incentivem os estudantes a se expressarem, explorarem e debaterem suas ideias em diferentes contextos discursivos e com distintas finalidades comunicativas. Além de servir como um instrumento de abordagem cada vez mais presente no currículo escolar, de maneira que possibilita o diálogo entre os estudantes e promove a valorização da diversidade cultural.

Com o advento das modificações no modo de viver da sociedade nos séculos XX e XXI, bem como as mudanças nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais, tornou-se cada vez mais necessário encontrar alternativas que dialoguem com a forma de ensinar História. Buscando novos métodos de ensino e se afastando da pedagogia tradicional em direção a escola, em que o aluno ocupa um papel central no processo de aprendizagem, novos procedimentos didático-metodológicos foram sendo aplicados nesse novo contexto social, inovando a prática pedagógica por meio da inserção de diversas áreas do saber e do uso de diferentes linguagens.

A História é um conhecimento produzido pelos seres humanos humana como finalidade registrar e representar as transformações sociais vividas pela humanidade ao longo do tempo. Como afirma Smith (1992), “a História é uma construção, não apenas uma reprodução do passado; ela é interpretativa, seletiva e profundamente ligada à experiência humana”. Nesse sentido, ela não se limita à simples narração dos acontecimentos, mas permite à sociedade compreender a si mesma, reconhecendo-se como produto de múltiplas experiências, contradições e possibilidades.

Ao investigar as mudanças e permanências da sociedade, a História utiliza a dimensão temporal como instrumento essencial para compreender a ação humana ao longo do tempo. Por isso, seu ensino assume papel essencial na formação de sujeitos capazes de pensar historicamente. Como defendem Schmidt e Cainelli (2009), o ensino de História deve oferecer aos alunos ferramentas que os auxiliem a aprender a interpretar criticamente os acontecimentos, desenvolver o “saber-fazer” e o “saber-fazer-bem” da prática histórica, ou seja, compreender os diversos pontos de vista, analisar fontes de naturezas variadas e reconstruir narrativas a partir delas.

É nesse contexto que se insere o cordel como recurso pedagógico. Por sua linguagem acessível e enraizada na cultura popular, o cordel possibilita o contato dos alunos com fontes que expressam visões alternativas sobre o passado, muitas vezes ausentes dos livros didáticos. Ao abordar temas como a escravidão, o coronelismo, o cangaço, a seca ou as lutas populares, os cordéis se tornam caminhos potentes para

desenvolver no aluno a consciência de que a História não é única, ela é construída a partir de diferentes olhares interesses e interpretações. Portanto, ao utilizar o cordel em sala de aula, podemos observar a sua contribuição para a formação de sujeitos capazes de valorizar a diversidade de narrativas e compreender a historicidade do mundo em que vivem.

Nessa perspectiva, torna-se necessário, diante desse cenário marcado por desigualdades sociais e disputas por acesso a formação de cidadãos críticos e leitores conscientes, como destaca Libâneo (1994), a educação deve garantir a todos uma formação cultural e científica que possibilite uma atuação autônoma, crítica e construtiva na vida pessoal, profissional e cidadã, isto porque, a escola assume um papel importante nas lutas democráticas, possibilitando o acesso das camadas populares ao conhecimento sistematizado, voltado para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e expressões culturais. Nesse sentido, o ensino de História, atrelado a recursos pedagógicos que dialoguem com a realidade dos estudantes, como a literatura de cordel, torna-se um instrumento valioso para desenvolver as competências de interpretação e consciência histórica. O cordel, enquanto manifestação da cultura popular, permite a aproximação entre o saber e o universo cultural dos estudantes, contribuindo para uma análise crítica do mundo e da própria História social brasileira.

Nesse espaço de produção da aprendizagem em que a escola permite a construção e transformação social por meio da educação, deve-se compreender que o papel do professor, não apenas o de transmissor de conteúdos previamente estabelecidos, mas o de mediador da aprendizagem, atuando a partir de sua própria compreensão e leitura histórica dos temas abordados. O conhecimento, nesse processo, não é transmitido de forma neutra ou mecânica, mas mediado pelo trabalho do professor que busca promover junto aos estudantes a compreensão de sujeito histórico. As fontes históricas são o material que os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos. (Pinsk, 2005, p.07), ampliando assim o seu conceito, como sendo vestígios de qualquer natureza deixada pelo homem no passado. Nesse contexto, é importante compreender a literatura de cordel como um elemento dotado de historicidade própria, conforme já discutido, constituindo-se, portanto, como uma fonte histórica relevante para ser explorada em sala de aula. Marcada pelas características do tempo em que foi produzida e, frequentemente, por dar voz a sujeitos pouco presentes nos livros didáticos, a literatura de cordel contribui para ampliar as discussões sobre os conteúdos históricos. Ao trazer narrativas que circulavam

em feiras, cantorias populares e pelejas, esse gênero possibilita diversificar e enriquecer a análise dos temas estudados, a partir de fontes que abordam, por exemplo, o período do Estado Novo, as ações do cangaço com o bando de Lampião e os episódios relacionados à Coluna Prestes.

Utilizar as fontes históricas como uma maneira de compreender os registros, testemunhos de acontecimentos que já ocorreram, permite que o conhecimento histórico funcione como o repertório de elementos que possibilite ao historiador compreender as características os significados dos eventos e processos históricos. Saviani (2006) explica, ao se valer das fontes históricas, o historiador não tem como objetivo principal a busca pela verdade dos fatos e sim a elaboração de narrativas históricas, sendo a História uma construção interpretativa e o historiador o criador de análises dos eventos e de processos históricos. mas sim na elaboração de sua narrativa histórica, sendo a História uma construção interpretativa, e o historiador o formador dos eventos e os processos históricos. Assim, ao deparar-se com as fontes históricas os historiadores além de coletar dados do passado realizam um trabalho de interpretação crítica, considerando documentos, narrativas e diversos elementos em uma historicidade específica. Diante da análise da fonte, o historiador busca não apenas compreender o conteúdo, mas o conteúdo direto que ela expressa a visão de mundo em seu contexto social e cultural do grupo que a produziu e sua expressão no tempo.

Nesse cenário, quando o professor recorre as fontes históricas como recurso em sala de aula, sua intenção vai além do uso erudito feito pelos historiadores na academia. A incorporação didática dessas fontes proporciona aos estudantes a percepção de que a História é construída a partir de vestígios e registros do passado, ou seja, fragmentos deixados por sujeitos históricos em diferentes tempos e espaços, que servem como base para a investigação e compreensão dos processos históricos.

Dessa forma, as fontes históricas passam a desempenhar uma função psicopedagógica no processo de ensino-aprendizagem, funcionando como instrumentos que despertam a imaginação, o interesse e a criticidade dos estudantes. Elas contribuem para contextualizar os conteúdos e demonstrar, de forma concreta, como o conhecimento histórico é produzido e uma vez apropriadas pelo ensino se tornam ferramentas interdisciplinares, superando a função de ser ilustrativa passando a assumir um papel na formação do pensamento histórico dos discentes, ampliando a compreensão dos conteúdos e fortalecem o caráter investigativo no ensino de História.

Dentre os inúmeros desafios enfrentados pelo professor ao ensinar História em sala de aula, destaca-se a dificuldade em desvincular-se do livro didático como única fonte de conhecimento, muitas vezes oferecido aos estudantes como último recurso de estudo. Fonseca (2003) aponta o livro didático como a ferramenta mais utilizada pelo professor e se torna “o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar”. Nesse sentido permite reflexões necessárias no contexto escolar, restringindo a construção do pensamento crítico dos alunos.

Para a historiadora Carla Beatriz Meinerz, na perspectiva da pedagogia construtivista, a aprendizagem significativa da História depende da participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento. Esse processo ocorre por meio do contato com diferentes fontes históricas, que permitem aos alunos investigar, interpretar e problematizar os acontecimentos do passado. A falta desse contato não apenas compromete a metodologia, como também contraria à própria natureza da ciência histórica, fundamentada na análise, na interpretação e na problematização das fontes. Nesse sentido, Meinerz afirma:

Compreendemos a História à medida que interagimos com os vestígios do passado ou com as diferentes interpretações construídas a partir deles. Um ensino de História que não favorece essa interação, ou que oferece apenas uma única leitura dos acontecimentos, contradiz os princípios fundamentais da disciplina histórica. (Meinerz, 2001, p.34).

Para que isso ocorra, é necessário repensar o ensino de História como algo simples de fácil memorização, de fatos e datas, e sim, defender o uso de fontes históricas no trabalho em sala de aula, promovendo um ensino mais investigativo e crítico, onde os estudantes atuam como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Nessa abordagem é possível desenvolver o pensamento histórico e a capacidade de interpretação crítica sobre o passado e ao mesmo tempo procurar estimular a autonomia do aluno em seus pensamentos, aproximando o ensino entre prática e pesquisa histórica, com as multiplicidades de narrativas e interpretações do passado e constante reconstrução.

Nessa perspectiva o uso da literatura de cordel no ensino de História, propicia uma abordagem de forma crítica com temas fundamentais na análise da História brasileira, como a escravidão e o racismo estrutural, o coronelismo e o voto de cabresto, a seca no sertão nordestino, exemplos que oferecem inúmeras interpretações e dialogam tanto com o passado quanto com o presente. Ao utilizar essas temáticas, o cordel contribui para desnaturalizar narrativas oficiais que frequentemente minimizam os impactos desses

processos históricos na construção das desigualdades sociais e políticas do Brasil. Os cordéis que tratam da escravidão, por exemplo, muitas vezes dão voz à resistência negra, destacando histórias de luta, fuga e organização, que são silenciadas ou tratadas de forma superficial nos materiais escolares tradicionais. Temas que abordam o coronelismo e o voto de cabresto possibilitam uma reflexão crítica sobre o clientelismo político e os mecanismos de controle social ainda presentes em muitas regiões do país, permitindo ao aluno perceber continuidades e rupturas entre o passado e o presente. Ao trabalhar com esses textos em sala de aula, o ensino de História se aproxima da realidade dos estudantes, promovendo um aprendizado mais significativo e conectado com questões contemporâneas, como o racismo estrutural, a desigualdade de acesso à cidadania e a manipulação política nas periferias, permitindo que o cordel não apenas ilustre conteúdos, mas atue como ferramenta de conscientização e formação cidadã.

Circe Bittencourt, historiadora e uma das principais referências no ensino de História, destaca a importância de analisar as possibilidades do uso de fontes históricas na sala de aula.

O professor traça objetivos que não visam à produção de um texto historiográfico inédito ou a uma interpretação renovada de antigos acontecimentos, com o uso de novas fontes. As fontes históricas em sala de aula são utilizadas diferentemente. Os jovens e as crianças estão “aprendendo História” e não dominam o contexto histórico em que o documento foi produzido, o que exige sempre a atenção ao momento propício de introduzi-lo como material didático e à escolha dos tipos adequados ao nível e às condições de escolarização dos alunos. (Bittencourt, 2011, p. 329).

Para a autora, o trabalho com documentos históricos possui grande relevância tanto para a prática pedagógica quanto para a pesquisa historiográfica, embora não deva ser confundido com o trabalho desenvolvido pelo historiador. Enquanto este utiliza as fontes para produzir novas interpretações sobre o passado, o professor recorre a elas como recursos didáticos, com o objetivo de favorecer a aprendizagem histórica dos estudantes. Nesse contexto, a seleção e o uso das fontes em sala de aula devem considerar o nível de compreensão da turma, os objetivos pedagógicos e as competências que se pretende desenvolver ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, a aplicação da literatura de cordel como recurso pedagógico e fonte para o ensino de História justifica-se não por seu caráter de documento oficial ou de fonte histórica tradicional, mas por seu valor como registro da cultura popular, capaz de expressar interpretações populares sobre acontecimentos históricos e questões sociais. Temas como a escravidão, o racismo estrutural, a condição da mulher, o feminismo, o

coronelismo, o voto de cabresto e os impactos da seca no sertão nordestino são frequentemente retratados nos cordéis, possibilitando diferentes formas de análise histórica. Com a mediação do professor, esses textos podem ser contextualizados a partir do período em que foram produzidos, de seus elementos históricos e de sua linguagem, favorecendo uma leitura crítica dos acontecimentos e aproximando os estudantes de sua realidade cultural. Dessa forma, a literatura de cordel contribui para a construção de uma aprendizagem histórica crítica, significativa e contextualizada.

Outra ferramenta fundamental para a prática docente é a utilização do livro didático no ensino de História, como instrumento pedagógico e fonte histórica e objeto de pesquisa sobre diferentes visões de mundo e de ensino em momentos históricos diversos. Isto porque, organiza conteúdos, reflete os objetivos curriculares e diretrizes educacionais, funcionando como um registro das maneiras pelas quais a História foi ensinada ao longo do tempo. Bittencourt (2004) aponta para os limites de utilização do livro didático, uma vez que, apresenta uma versão única dos fatos e muitas vezes exclui vozes marginalizadas ao longo da História, o que demanda o uso de outras fontes que o complemente. Nesse sentido o cordel assume um papel importante como recurso didático para as aulas de História, pois dialoga com a cultura e a realidade diversa de diferentes grupos sociais, trazendo para essa perspectiva, novas experiências relacionadas a temas importantes e diversos tendo uma abordagem crítica e plural, na reflexão sobre as inúmeras interpretações históricas. Bittencourt (2011) ressalta ainda, que a utilização do livro didático não precisa, necessariamente, ser abolido, mas sim dialogar com novas temáticas. Conforme a autora:

para compreendermos melhor as atuais propostas de renovação metodológica, deve-se primeiramente averiguar a permanência de métodos de ensino tradicionais, lembrando que eles não precisam ser abolidos para que sejam introduzidos outros. (Bittencourt, 2011, p. 226).

Isso se deve ao fato de que o livro didático ainda é considerado um dos principais meios de acesso à educação em diversas regiões do país, mas não deve ser o único instrumento pedagógico de trabalho do professor, devendo dialogar com outras linguagens, como a literatura de cordel por exemplo.

Partindo da premissa de que o ensino de História deve integrar recursos pedagógicos tradicionais e ao mesmo tempo alternativos, Bittencourt propõe o uso da literatura de cordel como recurso pedagógico complementar, contribuindo assim para a aprendizagem dos estudantes. Dentro desse contexto, os folhetos de cordéis podem ser

utilizados como um recurso que serve para aprimorar o ensino de História, contribuindo significativamente para a compreensão das temáticas abordadas no currículo escolar. Ademais, Grillo (2003) afirma que a literatura de cordel pode ser trabalhada nas aulas de História como um recurso pedagógico, capaz de articular linguagem poética com a narrativa histórica, possibilitando o pensamento crítico e o protagonismo dos estudantes, além disso, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da interpretação histórica e do protagonismo estudantil, aspectos fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem da História.

A literatura de cordel pode ser trazida para a sala de aula como uma linguagem alternativa para o estudo da História. Ao relatarem os acontecimentos de um determinado lugar num determinado período, os folhetos se transformam em memória, em registro e em documento (Grillo, 2003, p. 117).

Essa abordagem permite a articulação dos conteúdos programáticos no currículo dos alunos do Ensino Médio do colégio Luís Viana Filho, e seu convívio social tornando o aprendizado mais contextualizado e significativo. No decorrer do processo investigativo desenvolvido pelos estudantes, foram selecionados temas relacionados à cultura nordestina, às tradições orais, às desigualdades sociais e aos preconceitos vivenciados em sua trajetória escolar, os quais serviram de base para a elaboração dos cordéis.

Muitos desses elementos estão presentes na literatura de cordel, em que retratam personagens históricos como o poder do coronel sobre a população sofrida do Nordeste, a figuras lendárias que se tornaram parte integrante da História popular como: Lampião e Maria Bonita e a figura feminina nesse cenário, o flagelo da seca e sua fuga para a região Sudeste do país e principalmente o cotidiano do povo nordestino. Trabalhar esses temas em sala permite que os alunos se sintam representados nas narrativas e compreendam sua realidade como parte integrante da História.

Proença (2002), distingue a História em acadêmica (produzida nas universidades) e a ensinada (transmitida nas escolas). Para a autora o ensino de História é fundamental considerar com base nas necessidades dos estudantes o papel da disciplina de História, não apenas como transmissor de conteúdo, mas é necessário pensar nas necessidades dos estudantes e a importância da disciplina na formação da memória e expressões históricas e não apenas como reprodução de saber consagrados pela historiografia. Nesse sentido, o uso do cordel como recurso pedagógico no ensino de História permite, por meio de uma linguagem popular e poética, estabelecer um diálogo com o cotidiano e com a memória coletiva dos estudantes, promovendo uma aprendizagem crítica e significativa.

Dessa forma, busca-se compreender neste trabalho de que maneira as fontes históricas, ao serem apropriadas pelo ensino, tornam-se ferramentas indispensáveis, superando a função meramente ilustrativa para assumir um papel central na formação do pensamento histórico dos estudantes. Ao serem integradas de modo crítico e reflexivo à prática pedagógica, as fontes ampliam a compreensão dos conteúdos e fortalecem o caráter investigativo do ensino de História.

Como exemplo da aplicação da literatura de cordel nas aulas de História, existem diversas práticas que podem ser desenvolvidas em consonância com os temas propostos. Primeiramente e de vital importância nessa pesquisa é a propositura em realizar trabalhos de pesquisas sobre a temática escolhida, garantindo sua adequação ao currículo escolar de cada escola. Em seguida, recomenda-se a formação de grupos em sala de aula para estimular a leitura e a compreensão dos textos previamente analisados. Seleção dos textos dos cordéis a serem analisados em sala de aula, obedeceu a três critérios, quais conteúdos selecionados para a relação da pesquisa e o trabalho no ensino de História com a turma do ensino médio da rede pública de ensino do estado da Bahia, na cidade de Guanambi; a escolha de textos que tenha linguagem acessível e poética adequadas ao nível de letramento dos estudantes e a relação com os temas sociais da comunidade escolar, e por fim material impresso de folhetos de cordel de domínio público disponível nas plataformas digitais, e produções de autores nordestinos como Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré, cujos textos fazem parte da cultura nordestina.

O professor pode, então, organizar uma oficina de produção de cordel com os temas históricos que podem ser trabalhados a partir de cordéis produzidos pelos alunos de apresentações orais. Por fim, a atividade pode culminar em um momento de socialização, no qual os estudantes apresentam os cordéis produzidos em sala de aula, promovendo a valorização dessa manifestação cultural e o aprofundamento dos conteúdos históricos estudados. A literatura de cordel sendo utilizada como recurso pedagógico no ensino de História, incentiva a leitura, compreensão e demonstração do conhecimento adquirido de forma ativa.

Dessa maneira, a utilização da literatura de cordel como ferramenta pedagógica torna-se um recurso fundamental para a aprendizagem, uma vez que não apenas facilita a assimilação dos conteúdos, mas também estimula a interpretação da mensagem transmitida na produção dos alunos. Além disso, promove a participação efetiva nas aulas de História, despertando o pensamento crítico e fortalecendo o sentimento de pertencimento ao lugar em que vivem.

Entre o século XX e o início do século XXI, os conteúdos da disciplina de História eram selecionados de forma isolada em relação às demais disciplinas, assim como ocorria em outras áreas do conhecimento. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Brasil iniciou, na década de 1990, uma reforma curricular determinada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). A nova LDB (Lei nº 9.394/96) trouxe maior destaque à questão da interdisciplinaridade, tanto no meio acadêmico quanto no debate nacional sobre educação.

Com a reformulação da LDB, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Esses documentos buscaram superar tanto a fragmentação quanto a compartimentalização dos saberes, propondo a erradicação do formato curricular tradicional. A partir dessa perspectiva, passou-se a discutir a escola sob uma nova abordagem, promovendo críticas aos métodos tradicionalistas aplicados nas instituições de ensino, muitas vezes sem conexão com outras áreas do conhecimento tanto a crítica ao ensino de História vem desde os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) ressaltam a necessidade do uso de fontes nas aulas de História, bem como a prática da interdisciplinaridade, conforme descrito:

No trabalho com fonte deve-se considerar os diferentes agentes sociais envolvidos na produção dos testemunhos, as motivações explícitas ou implícitas nessa produção e a especificidade das diferentes linguagens e suportes através dos quais se expressam. Abre-se aí um campo fértil às relações interdisciplinares, articulando os conhecimentos de História com aqueles referentes à Língua Portuguesa, à Literatura, à Música e a todas as Artes (Brasil, 2019).

Dessa forma, o sistema educacional brasileiro passou a valorizar o indivíduo como um agente ativo no processo de aprendizagem, deixando de ser um mero receptor passivo de informações para tornar-se um construtor do próprio conhecimento. Freire (2005) refere-se a essa abordagem como a humanização do sujeito, compreendida como uma realidade que se constrói a partir da leitura que o indivíduo faz do mundo, levando-o a uma reflexão crítica sobre a realidade que o cerca.

Diante do exposto, destaca-se a importância do trabalho interdisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento, como História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Arte e, principalmente, literatura, por possibilitar ao aluno o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva em relação ao seu meio social. Nessa perspectiva, a

interdisciplinaridade configura-se como um elemento fundamental da prática pedagógica, por favorecer o diálogo entre as disciplinas, aspecto essencial nas propostas que envolvem o uso do cordel como recurso pedagógico no ensino de História.

A partir dessa integração, a História, a Literatura, a Filosofia, a Sociologia e a Arte passam a contribuir conjuntamente para a construção do conhecimento de forma articulada e contextualizada. Esse processo envolve a elaboração conjunta de temáticas previamente planejadas e discutidas por professores e coordenadores, garantindo uma abordagem que estimule a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes na escolha e no tratamento dos conteúdos. Além disso, busca-se alinhar essas temáticas ao currículo escolar, estabelecendo conexões com a realidade dos alunos, suas vivências e o contexto social, cultural, econômico e político em que estão inseridos.

Assim, a articulação entre a literatura de cordel e o ensino de História desempenha um papel fundamental no processo educativo, pois possibilita o despertar de reflexões acerca do cordel, sua origem e sua utilização enquanto gênero literário, com base nos conhecimentos prévios dos alunos. Além disso, constitui-se como um recurso pedagógico eficaz nas aulas de História, contribuindo para a construção e ampliação do saber, para a formação de indivíduos críticos, especialmente no contexto dos estudantes do segundo ano do ensino médio. Marinho e Pinheiro (2012) esclarecem que por trás do texto poético, o cordelista transmite uma mensagem que pode eventualmente servir de interação com o conteúdo estudado em sala de aula, favorecendo, o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo. Essa abordagem favorece a autonomia dos estudantes, permitindo que os conhecimentos adquiridos em sala de aula sejam contextualizados com a realidade vivida por eles. Nessa perspectiva, a relação entre literatura e História torna-se uma prática contínua e significativa. O uso do cordel como recurso pedagógico e fonte histórica, possibilita que os conteúdos históricos sejam abordados de modo a refletir as diversas realidades brasileiras, respeitando a pluralidade cultural do país. Nesse processo o professor desempenha papel fundamental, pois é mediador das metodologias necessárias para explorar, de maneira crítica e dialógica, a literatura de cordel nas aulas de História, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico, utilizando uma expressão literária capaz de abordar uma ampla variedade de temáticas, como cidadania, racismo, consciência política e social, além de outras problemáticas que perpassam no percurso vivido durante a sua trajetória escolar.

Assim, trabalhar a literatura de cordel no ensino de História evidencia a importância do trabalho interdisciplinar, promovendo a busca pelo conhecimento e proporcionando autonomia na construção do pensamento crítico, respeitando o processo de diversidade presente na sala de aula. A interdisciplinaridade mostrou-se durante a pesquisa, um elemento fundamental na prática pedagógica, possibilitou a construção de saberes mais diversos e ao mesmo tempo conectados a realidade do estudante e o ensino de História. A experiência em trabalhar a literatura de cordel no ensino de História foi essencial para uma abordagem integrada com outras áreas do conhecimento como a História, a Sociologia, a Literatura, a Arte e a Filosofia, todas integradas no processo de construção da aprendizagem e formação crítica do estudante.

Na análise dos dados empíricos como os registros de aula, as produções dos alunos e as observações da prática docente ficou evidente que os cordéis possibilitam, por exemplo, discutir o contexto histórico de lutas sociais (História), ao mesmo tempo em que se analisava a estrutura poética e linguística dos textos (Literatura), reflexões sobre desigualdade e identidade (Sociologia), e valores éticos e morais expressos nas narrativas (Filosofia). Além disso, o trabalho com o cordel envolveu elementos visuais, ilustrações e performances orais, o que ativou o campo da arte. Nessa abordagem interdisciplinar, demonstrou, na prática, o envolvimento dos estudantes nas atividades desenvolvidas durante a pesquisa, pois conseguiram estabelecer relações entre os conteúdos e a sua vivência sociocultural. Assim, a interdisciplinaridade além de enriquecer o conteúdo, contribui para um aprendizado mais significativo, contextualizado e crítico, conforme foi percebido e vivido durante a experiência realizada com os alunos do Ensino Médio do colégio Luís Viana Filho em Guanambi-Ba.

SEÇÃO 4

A PESQUISA APLICADA: O USO DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO PEDAGÓGICO E FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

4.1- INTERVENÇÃO- PESQUISA E PRÁTICA

IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA E SEUS COLABORADORES

Colégio Estadual Luís Viana Filho, é um colégio da rede estadual de ensino do Estado da Bahia, situado em Guanambi, cidade distante 900 km da capital Salvador/Ba. Localiza-se no centro da cidade, possui porte especial, com um total de 686 alunos matriculados, com funcionamento nos três turnos, ofertando três modalidades de ensino: no matutino a modalidade do novo ensino médio, 1º, 2º e 3º anos, o novo ensino médio integral 1º, 2º, e 3ºanos, no vespertino o regular 1º, 2º, e 3º anos e EJA, (Educação de Jovens e Adultos) e no noturno turmas do regular 1º, 2º, e 3ºanos novo ensino médio e a EJA.

O colégio conta com um quadro misto de professores entre efetivos e temporários devido ao grande número de licenças. Em sua estrutura física, distribuídas entre 45 salas, 18 são salas de estudantes, 03 salas para atividades lúdicas (teatro, música e arte em geral) 01 sala de laboratório, 01 de informática, 01 biblioteca, 01 refeitório, 01 de professores, 01 de direção, 01 de coordenação, 01 de secretaria, 01 depósito, 01 cantina, 06 banheiros, masculinos e femininos, 05 de administrativos, 01 depósito, 01 de recursos multifuncionais para atendimentos aos alunos especiais, 01 de vídeo, 01 almoxarifado. Possui ainda 01 quadra poliesportiva coberta, 01 quadra poliesportiva de vôlei, 01 quadra de futsal, 02 pátios internos não cobertos, 01 pátio externo, estacionamento de moto com uma praça em frente ao colégio e estacionamento de carros ao redor da praça. Conta ainda com um quantitativo de funcionário sendo: 52 professores efetivos, 10 contratadas em regime REDA (Regime Especial de Direito Administrativo), 03 coordenadoras, 01 secretária escolar, 11 funcionários de apoio, 13 funcionários administrativos contratados em regime REDA (Regime Especial de Direito Administrativo), 8 merendeiras, também em regime de contratação temporária.

Por ser instalada no centro da cidade, conta com uma matrícula anual sempre maior do que a oferta, situação que é controlada com o acompanhamento que o núcleo gestor faz verificando a frequência sala por sala e no dia a dia. Dessa forma, os alunos desistentes vêm a ser substituídos por alunos novatos.

As aulas das turmas do ensino regular iniciam-se às 7:10 min da manhã e se encerra às 11:30, constituindo-se de cinco períodos de aula de 50 minutos com intervalo de 20 min, revezando-se os professores na ministração das disciplinas constantes dos blocos de linguagens e códigos, ciências da natureza e ciências humanas, cada área comportando mais de cinco professores. A área de humanas, na qual foi feita a pesquisa-ação, compreende as disciplinas de História, sociologia, filosofia e geografia, sendo utilizados o livro didático em todas as disciplinas e material de apoio, como notebook, televisão.

Quanto ao perfil dos alunos, cabe dizer que a grande maioria deles reside próximo ao colégio, indo os demais a morarem nos bairros circunvizinhos, como Centro, Alvorada, Ipiranga, Santo Antônio, Monte Pascoal. As turmas são formadas por adolescentes, com idade-série condizentes com o período escolar, na faixa etária de 16 e 17 anos de idade.

O desejo de realizar essa pesquisa surgiu no âmbito de um mestrado profissional em ensino de História, ofertada pela UESB, (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), como projeto de intervenção pedagógica, com o objetivo de valorizar a literatura de cordel enquanto recurso pedagógico e fonte histórica no ensino de História. A proposta buscou promover a articulação entre o conhecimento escolar e a cultura popular, incentivando a pesquisa em sala de aula e o protagonismo estudantil, a partir da produção e análise de cordéis elaborados pelos próprios alunos.

O estudo parte da constatação de que muitos estudantes apresentam dificuldades em se envolver ativamente com os conteúdos históricos de forma crítica e significativa, sobretudo quando apresentados de maneira descontextualizada ou distante de sua realidade sociocultural. Diante disso, a pesquisa reafirma que o uso da literatura de cordel como recurso pedagógico é capaz de integrar diferentes áreas do conhecimento e despertar o interesse dos alunos ao tratar de temas históricos com uma linguagem acessível, poética e culturalmente situada. Assim, a proposta de intervenção busca compreender como o cordel pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades previstas na BNCC, como a interpretação de fontes históricas, o reconhecimento da diversidade cultural brasileira e o exercício da autoria, promovendo uma aprendizagem mais engajada e transformadora.

A pesquisa foi realizada nas turmas do Ensino Médio com estudantes que se prontificaram a contribuir com os trabalhos. Entre as turmas que foram feitas intervenções, com estratégias de pesquisa, a turma do ensino médio a se mostrou mais participativa durante a realização da proposta., isto porque, o nível de aprendizagem da

turma do 2º B era menor ao da turma do 2º A. Mesmo com as dificuldades procurou-se engajar a turma para participarem em dupla como o colega que tivesse mais afinidade.

Dessa forma, o interesse pela proposta foi sendo cultivado aos poucos, despertando, gradualmente, o desejo em utilizar a literatura de cordel. Sendo necessário um trabalho cuidadoso, realizado com atenção e afeto, para envolver todos os participantes dessa pesquisa e permitir que os frutos fossem colhidos e que esta experiência sirva de inspiração para outros educadores, mostrando que os estudantes são plenamente capazes de construir, produzir e expressar seus conhecimentos com criatividade, valorizando a oralidade e reconhecendo-se como protagonistas na construção de sua própria História.

1º Momento de intervenção (4 aulas- 50 min)

No primeiro momento de intervenção foi feita a apresentação da proposta, com aulas-oficinas, com a leitura do texto: “Folhetos de acontecido no ensino de História” (Ferreira, 2018) que tem como objetivo geral apresentar as potencialidades da utilização do cordel em sala de aula e no ensino de História. Com os seguintes objetivos específicos: demonstrar um tipo de literatura como manifestação cultural diversificada; apresentar elementos da cultura oral e da cultura escrita presentes na prática da literatura cordel; trabalhar com diferentes tipos de consciência no tempo e no espaço; ampliar a circularidade cultural, tanto oral, quanto escrito; apresentar as origens do cordel; apresentar as diferenças do cordel erudito e o cordel popular; aguçar a empatia histórica.

Após o levantamento dos conhecimentos prévios, as contribuições dos estudantes foram sistematizadas por meio de registros escritos realizados pelo professor durante a roda de conversa e complementadas por um questionário diagnóstico. Nesse momento, foram registradas as concepções iniciais dos alunos sobre os folhetos de acontecido e a literatura de cordel, suas hipóteses acerca da origem, da forma e do conteúdo desse gênero, bem como as dúvidas e os temas que manifestaram interesse em aprofundar ao longo da sequência didática. Esses registros serviram de referência para o planejamento das atividades subsequentes e para a análise da evolução das aprendizagens desenvolvidas durante a pesquisa.

Desenvolvimento da proposta: após o levantamento do conhecimento prévio dos alunos, foi feita a apresentação do cordel: “Folhetos de acontecido no ensino de História”. Seguindo a apresentação cada aluno escolheu um cordel e fez uma leitura silenciosa a princípio, depois oral e coletiva, expondo suas impressões sobre ele. Foram feitas as devidas intervenções sobre o conceito de cultura, a historicidade do cordel; elementos

tipográficos (métrica, rima, xilogravura, humor etc.) Essa etapa foi bem-sucedida, pois a maioria dos alunos demonstraram interesse em saber mais sobre o cordel, além de apontarem voluntariamente outros pares de rimas constantes nas outras estrofes.

O primeiro folheto trabalhado foi: A chegada de Lampião ao inferno, do autor José Pacheco. O autor mistura o fato com o cordel de acontecido com elementos fantásticos, e realidade popular. Esse folheto surgiu após a morte de Lampião (1938), onde vários cordelistas começaram a produzir folhetos narrando o que imaginava ter acontecido com ele. Mesmo contendo elementos fantasiosos, esse cordel é baseado em fatos e que impactou a realidade do povo nordestino, por ser considerado o cangaceiro mais famoso do Brasil.

Outro ponto de destaque sobre Lampião como protagonista, a presença de Maria Bonita nos relatos do cangaço, enfatizando a importância das mulheres nesse contexto histórico. Maria Bonita rompeu barreiras de gênero ao participar ativamente do cangaço, assumindo papéis de liderança e resistência. Apresenta a literatura de cordel a sua importância não apenas na preservação da memória histórica, mas também refletindo sobre a coragem feminina, funcionando como inspiração para mulheres contemporâneas na busca por protagonismo e igualdade até os dias de hoje.

A chegada de Lampião ao inferno

“No dia que Lampião morreu,

No inferno deu confusão.

O Diabo assustado dizia:

'Quem deixou solto esse cão?!'

Lampião puxou da peixeira,

Bagunçou com Lúcifer no chão.

<https://cariridasantigas.com.br/cordel-a-chegada-de-lampiao-no-inferno-jose-pacheco/> visitada em 25/07/2025

O cordel a ser analisado foi de Leandro Gomes de Barros, “A seca do Ceará”, em que expõe as dificuldades do sertanejo com a seca de 1915, com a destruição do solo, o êxodo e o sofrimento humano. Os elementos que compõe esse cordel, são os apelos trágicos, ligada em toda a narrativa:

Seca as terras as folhas caem,

Morre o gado sai o povo,

O vento varre a campina,

Rebenta a seca de novo;

Cinco, seis mil emigrantes

Flagelados retirantes

Vagam mendigando o pão,

Acabam-se os animais
 Ficando limpo os currais
 Onde houve a criação
 Não se vê uma folha verde
 Em todo aquele sertão
 Não há um ente d'aqueles
 Que mostre satisfação
 Os touros que nas fazendas
 Entravam em lutas tremendas,
 Hoje nem vão mais o campo
 É um sítio de amarguras
 Nem mais nas noites escuras
 Lampeja um só pirilampo.

<http://www.ablc.com.br/a-seca-do-ceara/> visitada em 24/10/2025

Para iniciarmos a leitura foi feito um círculo, com o objetivo de discutirmos o texto, uma roda de conversa. Ao lermos esse cordel em uma das ações dos círculos de leitura, os estudantes foram instigados a mencionar palavras presentes na temática do poema. Foram divididos em grupos de cinco alunos, fazendo anotações e interagindo com o significado das palavras e o que cada estrofe dizia em suas linhas.

As expressões relacionadas a situações como: escassez, dor, falta de trabalho, desvalorização, população ativa, dificuldade extrema e renovação de fé foram citadas pelos estudantes a partir da leitura do cordel, e fazem parte de suas experiências, de suas realidades que emergem nos diálogos em roda, isto é, em práticas sociais vividas.

Ainda com base no cordel “A seca do Ceará”, de Leandro Gomes de Barros, a primeira palavra que despertou questionamentos e iniciou a troca de ideias no círculo foi renovação de fé, pois um dos grupos chamou atenção para o fato de que, diante de tanta escassez e dor, “um só pirilampo lampeja”, destacando a ideia de perspectiva futura, afirmando que essa luz simbólica pode representar no coração do homem sertanejo o sentimento de que, ao caírem as primeiras gotas de chuva, poderão retornar ao trabalho no campo.

O diálogo em círculos, com leituras de cordel em sala de aula, proporcionou diversas interpretações por parte dos estudantes, que almeja por uma realidade mais justa. Ao final da leitura, os educandos também se reconhecem nas palavras do texto e alguns se comovem ao serem chamados de meus irmãos, num convite simbólico para que todos que vivem do esforço diário, tanto do campo quanto da cidade, lutem por igualdade de condições e por uma sociedade mais democrática e justa.

2º Momento de Intervenção (4 aulas-50min cada)

Nessa etapa de intervenção foi introduzido o tema da aula através dos folhetos, utilizando o livro didático no dia a dia da aula. Após a leitura e discussão acerca do tema: o sistema eleitoral na Primeira República, a turma foi dividida em grupos, cada um ficando responsável pela leitura de uma estrofe do folheto. Cada grupo ficou responsável em anotar os dados sobre a obra: autor, título, tema que mais aparece. No decorrer da discussão foram sanadas as dúvidas que surgiram. Após a leitura, novas perguntas foram formuladas, de acordo com os exemplos a seguir. Expressões que se consagraram, no campo da História, como “voto de cabresto”, “curral eleitoral” e “eleição a bico de pena”, podem ser corroboradas pelos folhetos analisadas no cordel apresentado. O cordel utilizado como fonte histórica e recurso pedagógico foi: a Ave Maria da eleição, uma sátira irônica que retrata os dias de votação, destaca-se o ambiente marcado pela violência que causava temor a muitos. Observa-se também a compra ilícita de votos, a fraude cometida por “mesários vinculados ao governo” e as ameaças direcionadas aos eleitores, o uso da violência para influenciar o povo em seu voto. E mostrar para os estudantes de que maneira essas práticas ainda são atuais, e se tornam um desafio em muitas regiões do país, ameaçando a integralidade do processo eleitoral.

Ave Maria da eleição
 No dia da eleição
 O povo todo corria
 Gritava a oposição
 Ave Maria
 Via-se grupos de gente
 Vendendo votos nas praças
 E a arma do governo
 Cheia de graça
 [...]
 Os eleitores com medo
 Das espadas dos alferes
 Chegavam e se esconderem
 Entre as mulheres.
 Os candidatos chegavam
 Com um ameaço bruto
 Pois um voto para eles
 E benditos frutos
 O mesário do governo
 Pegava a urna contente
 E dizia eu me glorieio
 Do teu ventre
 A oposição gritava
 De nós não ganha ninguém
 Respondia os do governo
 Amem.

<https://acordacordel.blogspot.com/2011/11/ave-maria-da-eleicao.html>, acesso em 28/10/2025

Ao final da análise do cordel, cada aluno produziu um texto relacionando ao voto com o exercício da cidadania e refletindo sobre a importância da escolha consciente de seus representantes nas eleições, tanto no passado quanto atualmente

3º Momento de Intervenção (4 aulas-50min cada)

Nesse terceiro momento da intervenção com duração de 4 aulas de 50 minutos, os temas trabalhados foram escravidão e racismo. O objetivo geral desse tema foi utilizar a literatura de cordel para iniciar a conversa sobre escravidão e racismo e refletir sobre o racismo estrutural que é uma herança após a abolição da escravatura no século XIX e principalmente promover a escuta dos estudantes sobre o racismo e demonstra explícito o discurso racista e discriminatório presente sobre o negro e sua cultura. O cordel escolhido para intervenção foi “Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, de autoria de Firmino Teixeira do Amaral. O cordel de Amaral trata-se de uma peleja, como característica a batalha, com estrofes em sextilha com versos e rimas em uma disputa entre dois cantadores. Nessa disputa os cantadores se ridicularizam, expondo os defeitos um do outro.

“C. — Se eu der um tapa
No negro de fama,
Ele come lama,
Dizendo que é papa!
Eu rompo-lhe o mapa,
Lhe rompo de espora;
O negro hoje chora,
Com febre e com íngua —
Eu deixo-lhe a língua
Com um palmo de fora!”

“C. — Negro, és monturo,
Molambo rasgado,
Cachimbo apagado,
Recanto de muro!
Negro sem futuro,
Perna de tição,
Boca de porão,
Beiço de gamela,
Vento de moela,
Moleque ladrão!”

“C. — Negro é raiz
Que apodreceu,
Casco de judeu!
Moleque infeliz,

Vai pra teu país,
 Se não eu te surro,
 Te dou até de murro,
 Te tiro o regalo —
 Cara de cavalo,
 Cabeça de burro!”
 (AMARAL, 2011, p. 10)

Nessa intervenção foi feita uma roda de conversa com os seguintes passos: primeira leitura de trechos do cordel “Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, de autoria de Firmino Teixeira do Amaral; após a leitura lancei a pergunta-problema: O que esses trechos sugerem sobre a escravidão, abolição e racismo? Após a discussão sobre o tema foram divididos três alunos em cada grupo para produzirem um texto sobre o racismo estrutural e sua relação com o Brasil atual. Todos entregaram suas

A discussão gerada a partir dessa questão possibilitou aos(as) estudantes ampliar sua compreensão histórica e social dos temas propostos, relacionando-os com o contexto brasileiro contemporâneo.

Em seguida, os(as) estudantes foram organizados em grupos de três integrantes e convidados a produzir, de forma colaborativa, um texto dissertativo sobre o conceito de racismo estrutural e suas implicações na sociedade brasileira atual. Todos os grupos entregaram suas produções textuais, as quais foram avaliadas com base na argumentação, coesão textual e na capacidade de estabelecer conexões entre o passado histórico e as manifestações contemporâneas do racismo no Brasil.

4º Momento de Intervenção (8 aulas-50 min cada)

Essa intervenção demandou um tempo mais prolongado de execução, considerando a complexidade da proposta, que envolvia a criação de cordéis, individualmente ou em grupo, com base nos temas abordados ao longo da unidade escolar. O desenvolvimento das produções exigiu dos(as) estudantes não apenas a compreensão dos conteúdos trabalhados, mas também habilidades de escrita criativa e expressividade cultural. Foram utilizados os critérios de seleção inclusão/exclusão, em que a recepção crítica estivesse associada, de alguma forma às temáticas trabalhadas durante a intervenção.

5º Momento de Intervenção – análise das práticas em sala de aula (1 aula: 50 minutos)

O uso da literatura de cordel no ensino de História configura-se como uma abordagem significativa para a construção do conhecimento histórico, sobretudo por sua

capacidade de articular conteúdos escolares às vivências culturais dos(as) estudantes. Nesse contexto, as produções discentes e as atividades desenvolvidas em sala de aula ultrapassam uma perspectiva meramente conteudista, favorecendo a construção de sentidos e a participação ativa no processo de aprendizagem. A literatura de cordel, ao ser incorporada ao ensino de História, revela-se não apenas como um recurso didático, mas também como uma relevante fonte histórica. Suas narrativas expressam visões de mundo, valores, modos de vida e interpretações sobre diferentes acontecimentos, permitindo o acesso a múltiplas perspectivas e contribuindo para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais em distintos tempos históricos. Dessa forma, o cordel amplia as possibilidades de leitura e interpretação da História, estimulando a criticidade e o olhar investigativo dos estudantes. Além disso, o trabalho com o cordel potencializa o desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura, à escrita e à oralidade, ao mesmo tempo em que incentiva a criatividade e a autoria discente. Ao produzir e interpretar cordéis, os estudantes se colocam como sujeitos do processo de construção do conhecimento, estabelecendo relações entre o conteúdo histórico e suas próprias experiências.

Nesse sentido, a valorização da cultura popular nordestina no ambiente escolar contribui para o fortalecimento da identidade cultural e do sentimento de pertencimento dos estudantes. Ao integrar o cordel ao ensino de História, promove-se uma prática pedagógica mais contextualizada, significativa e inclusiva, que reconhece e legitima diferentes formas de saber e expressão, consolidando o cordel como um importante instrumento pedagógico e uma fonte rica para o ensino da História.

SEÇÃO 5

SOLUÇÃO MEDIADORA DE APRENDIZAGEM

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: O VOTO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

LEITURA DO CORDEL “AVE MARIA DA ELEIÇÃO”.

Público-alvo: alunos do Ensino Médio

Área de conhecimento: História

Tempo de duração: 5 aulas de 50 minutos cada

Objetivo geral: Compreender o processo eleitoral e as práticas políticas da Primeira República por meio da leitura e interpretação do cordel “Ave Maria da eleição”, de Leandro Gomes de Barros, relacionando a crítica poética do autor às características históricas do período da Primeira República.

Objetivos específicos: Contextualizar o período da Primeira República e as relações de poder entre coronéis, eleitores e o Estado; analisar o conteúdo do cordel “Ave Maria da eleição” como representação crítica das práticas eleitorais da época; identificar elementos de ironia, crítica e denúncia presentes na obra; refletir sobre a construção histórica do voto no Brasil e sua importância na cidadania contemporânea; produzir textos orais e escritos inspirados na estrutura do cordel, expressando reflexões sobre política e democracia.

Contextualização da proposta:

A presente sequência didática integra a solução mediadora de aprendizagem desta pesquisa e foi elaborada com base nas reflexões entre teoria e prática acerca do uso do cordel como recurso didático no ensino de História. Partindo do pressuposto de que o cordel, além de uma manifestação artística popular, constitui-se também como documento histórico e instrumento pedagógico, capaz de aproximar o estudante do conhecimento histórico por meio de uma linguagem acessível e poética, bem como, sua importância cultural.

Essa sequência didática tem como objetivo principal promover uma aprendizagem histórica crítica e contextualizada, utilizando a literatura cordel como meio de mediação entre o conhecimento acadêmico e a cultura popular. Por meio da leitura, interpretação e produção de cordéis, os estudantes são convidados a analisar o voto na Primeira República, refletindo sobre as múltiplas representações históricas e simbólicas que permeiam o voto nesse período.

Além disso, a sequência dialoga com as perspectivas do ensino de História defendidas por Bittencourt (2011) e Fonseca (2003), que ressaltam a importância de

metodologias ativas e de fontes diversificadas no processo de ensino-aprendizagem, especialmente aquelas que possibilitam o contato com a cultura material, simbólica e imaterial das sociedades, isso porque, ao mesmo tempo em que estimula a valorização da identidade cultural, desperta o protagonismo estudantil. O que faz com que o aprendizado seja construído na interação social e no diálogo, sendo o cordel um instrumento importante para despertar o interesse, a imaginação e reflexão sobre o voto no Brasil durante o período da Primeira República e quais os seus desdobramentos no processo eleitoral atual.

O objetivo das propostas apresentadas não é oferecer metodologias inéditas de ensino para o professor de História, mas ampliar as possibilidades teóricas e práticas no trabalho pedagógico com diferentes tipos de fontes, bem como de valorizar o cordel como fonte histórica e recurso didático, promovendo uma aprendizagem crítica, cultural e significativa, além de incentivar a leitura, a oralidade e a produção textual criativa. Espera-se que o estudante reconheça as obras analisadas os folhetos de cordel como documentos históricos legítimos, capazes de contribuir para a compreensão dos temas abordados nos materiais didáticos. Além disso, pretende-se que os alunos percebam que esses textos foram produzidos por sujeitos que vivenciaram o contexto histórico retratado, e que, portanto, expressam vozes, sentimentos e perspectivas que podem ser reinterpretados no presente. Considera-se essencial, no ensino de História, que o discente compreenda que o conhecimento histórico é uma construção em constante processo, e não um conjunto de verdades prontas contidas nos livros. Assim, o estudo do passado deve ser entendido como uma prática mediada pelas fontes, capaz de articular diferentes fontes escritas, orais, visuais e culturais propiciar o desenvolvimento da consciência histórica e da capacidade de análise crítica e que os próprios estudantes podem se tornar participantes ativos da produção do saber histórico, compreendendo melhor os procedimentos metodológicos que caracterizam o trabalho do historiador.

Diante disso, a proposta de intervenção mediador, foi pensada para estudantes do Ensino Médio atendendo as competências gerais e específicas previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para compreender a realidade e colaborar para a construção de uma sociedade justa e democrática, repertoriar-se culturalmente, reconhecendo e valorizando as diversas manifestações artísticas e culturais. E princípios do Novo Ensino Médio (NEM), como, analisar processos históricos e culturais, compreendendo a diversidade das sociedades humanas e analisar e produzir textos orais e escritos considerando suas funções sociais e

culturais. O tema da proposta O voto na Primeira República com a leitura do cordel “Ave Maria da eleição” de Leandro Gomes de Barros. Por meio dessa obra, os alunos serão instigados a refletir sobre as práticas políticas do período republicano, como o coronelismo, o voto de cabresto e as fraudes eleitorais, bem como sobre o papel do povo nas eleições e a forma como a cultura popular representava criticamente essas relações de poder.

Esta proposta tem o objetivo de conduzir o professor em sala de aula, pensando o currículo do segundo ano do ensino médio, com conteúdo previamente trabalhados. A abordagem adotada busca proporcionar aos alunos uma compreensão ampla e crítica sobre os fenômenos e acontecimentos sociais, econômicos e políticos, estabelecendo conexões com as transformações políticas e sociais do Brasil durante o período estudado. O tema é tratado no âmbito dos conteúdos de História do Brasil, especialmente no segundo ano do ensino médio, têm como parte integrante dessa proposta o uso da literatura de cordel como recurso didático a se apresentado aos estudantes como fonte de estudo e que possa contribuir para a compreensão do período histórico selecionado para o desenvolvimento das atividades.

A seguir, apresenta-se a sequência didática estruturada de acordo com os fundamentos teórico-metodológicos desta pesquisa, com a finalidade de orientar o trabalho docente e possibilitar a reprodução da proposta em diversos contextos de ensino.

Aula 1- Introdução ao tema

Atividades propostas. Conversa inicial sobre eleições no Brasil e seus significados; questionar os alunos sobre o que eles sabem sobre o voto na Primeira República.

Objetivo específico: Identificar conhecimentos prévios sobre o tema abordado e introduzir o contexto histórico da Primeira República.

Recurso didático: quadro e datashow.

Aula 2 Leitura e análise do cordel: Leitura compartilhada do cordel “Ave Maria da eleição”, identificação dos elementos de crítica social e humor. Discussão guiada sobre o que o autor denuncia em sua obra.

Ave Maria da eleição Leandro gomes de Barros

No dia da eleição
O povo todo corria
Gritava a oposição
Ave Maria

Via-se grupos de gente
Vendendo voto nas praças
E a arma dos governos
Cheia de Graça

Uns a outros perguntavam:
— O senhor vota
conosco? Uma chaleira
respondia:
— Este é convosco.

Eu via duas panelas
Com miúdos de dez bois
Cumprimentei-a,
dizendo:
— Bendita sois.

Os eleitores com medo
Das espadas dos
alferes
Chegavam a se esconderem
Entre as mulheres.

Os candidatos
chegavam com um
ameaço bruto, pois, um
voto para eles
É bendito fruto.

O mesário do governo
Pegava a urna
contente E dizia: —
Eu me glorieio do
vosso ventre!

A oposição gritava:
— De nós não ganha
ninguém! Respondia os do
governo:
— Amém.

<https://acordacordel.blogspot.com/2011/11/ave-maria-da-eleicao.html>-acesso em 28/10/2025.

Após a leitura do cordel: Ave-Maria da eleição, o professor poderá utilizar as seguintes sugestões para análise:

Como o leitor descreve a situação de opressão no período da República Velha?

O que era o voto de cabresto?

Por que o voto de cabresto era um costume no período do coronelismo?

Qual o papel do coronel ao indicar o candidato que o eleitor deveria votar?

Este cordel é uma sátira política que utiliza a estrutura da oração para criticar práticas eleitorais da época, como a compra de votos e a violência nas eleições?

Objetivo específico: Interpretar o cordel como fonte histórica e compreender sua crítica ao processo eleitoral.

Recursos didáticos cópias do cordel e leitura compartilhada.

Aula 3: O voto e o poder político na Primeira República

Proposta de atividade: aula expositiva dialogada, explicando sobre o voto censitário e sua relação com o poder dos coronéis e a maneira como eles controlavam o poder. Análise comparativa entre o conteúdo e o cordel Ave Maria da eleição- Leandro Gomes de Barros.

Objetivo específico: Relacionar o conteúdo didático ao contexto político na Primeira República.

Recurso didático: texto impresso.

Aula 4: Oficina de reescrita do cordel e criação de novos cordéis, inspirado na crítica política do cordel Ave Maria da eleição Leandro Gomes de Barros.

Objetivo específico: estimular a produção criativa e o pensamento crítico necessário ao exercício da cidadania e democracia.

Recursos didáticos: papel, cartolina, canetas diversas.

Aula 5: Apresentação compartilhada dos cordéis produzidos individual ou em grupo; roda de conversa sobre a importância do voto e a permanência do clientelismo no Brasil atual.

Objetivo específico: estimular a oralidade e valorizar a cultura popular e o pensamento crítico do estudante.

Recurso didático: espaço para apresentação dos estudantes.

Avaliação

A avaliação dessa sequência didática poderá ser feita durante o período de aplicação nos cinco encontros sugeridos, de acordo com a participação dos alunos, interesse na construção dos cordéis, clareza, criatividade, coesão, e compreensão do estudo na temática apresentada. Será processual e formativa, de acordo com o desenvolvimento dos estudantes durante as atividades propostas, com atenção especial a participação e entusiasmo nos discursos nas aulas pelo tema proposto, observando a criatividade nas produções dos cordéis, valorizando a expressão e reflexão crítica sobre o voto, a cidadania e a análise do indivíduo sobre a construção de uma sociedade

democrática. Ao final espera-se que os estudantes produzam seus próprios cordéis inspirados no cordel Ave Maria da eleição, englobando o voto, a cidadania e processo eleitoral do passado e no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida ao longo dessa dissertação evidenciou que a literatura de cordel se configura como um recurso pedagógico e fonte histórica potente e significativo para o ensino de História, sobretudo quando articulada a uma perspectiva interdisciplinar. As intervenções realizadas demonstraram que o uso do cordel favorece a ampliação da compreensão dos conteúdos curriculares, ao promover o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, como literatura, arte, filosofia e sociologia.

Os dados empíricos coletados por meio da observação das aulas, da análise das produções dos e do registro das interações em sala revelaram um engajamento mais ativo por parte dos(as) estudantes, motivado pela identificação com os elementos da realidade sociocultural presentes nos cordéis. Essa abordagem metodológica contribuiu não apenas para a apropriação dos conteúdos históricos, mas também para o desenvolvimento de competências fundamentais, como leitura, escrita, interpretação e pensamento crítico.

Ademais, a interdisciplinaridade com as disciplinas Arte, Língua Portuguesa, Literatura, Sociologia, Filosofia e a História mostrou-se essencial para romper com a fragmentação do saber e oferecer aos(as) estudantes uma visão mais ampla e contextualizada dos processos históricos e sociais. A presença de temáticas como identidade, resistência, racismo, desigualdade social, cultura popular, religiosidade e o direito ao voto nos cordéis possibilitou a articulação entre o conhecimento escolar e as experiências de vida dos discentes, promovendo o reconhecimento de si como sujeitos históricos.

A prática pedagógica realizada ao longo desta pesquisa foi estruturada a partir de uma sequência didática, cujo objetivo central foi articular conteúdos historicamente relevantes como o voto no Brasil, o coronelismo, o cangaço e o racismo estrutural com elementos da cultura nordestina. Entre as atividades desenvolvidas, destaca-se a leitura do cordel “Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum”, de Firmino Teixeira do Amaral, que serviu como disparador para uma roda de conversa em torno da seguinte pergunta-problema: “O que esses trechos sugerem sobre a escravidão, a abolição e o racismo?” a partir desse momento dialógico, os(as) estudantes foram organizados em grupos e convidados a produzir textos dissertativos sobre o racismo estrutural e suas implicações na sociedade brasileira contemporânea.

Complementarmente, os temas do voto de cabresto e do coronelismo foram discutidos em rodas de conversa e atividades dirigidas, possibilitando aos(as) estudantes compreenderem as permanências e rupturas dessas práticas políticas no sistema eleitoral

atual. Para aprofundar o entendimento sobre o contexto histórico do sertão, também foram abordadas as figuras históricas de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e Maria Bonita, a partir de uma reflexão crítica sobre o cangaço como expressão de resistência, disputa por poder e consequência da ausência do Estado na região, além de sua forte presença na cultura popular. A utilização da literatura de cordel no ensino de História evidencia-se como uma estratégia pedagógica potente, capaz de promover aprendizagens significativas ao articular conteúdos curriculares com elementos da cultura popular. Nesse contexto, o cordel ultrapassa a função de recurso didático meramente ilustrativo e passa a ocupar um lugar central na mediação do conhecimento, favorecendo a construção de sentidos históricos de forma crítica, sensível e contextualizada. Ao ser incorporado às práticas pedagógicas, o cordel também se configura como uma relevante fonte histórica, na medida em que expressa visões de mundo, valores, conflitos e experiências sociais de diferentes sujeitos e temporalidades. Sua linguagem acessível e sua estrutura narrativa possibilitam aos(as) estudantes compreender a História para além dos registros oficiais, ampliando o contato com múltiplas perspectivas e contribuindo para uma leitura mais plural e interpretativa dos processos históricos.

Ademais, o trabalho com o cordel potencializa o desenvolvimento de competências essenciais, tais como leitura, escrita, oralidade e análise crítica. Ao interagir com esse gênero textual, os estudantes são estimulados a refletir, interpretar e estabelecer relações entre passado e presente, fortalecendo sua autonomia intelectual e sua participação ativa no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, a incorporação da literatura de cordel no ensino de História contribui para a valorização da cultura popular nordestina, promovendo o reconhecimento de saberes historicamente marginalizados no espaço escolar. Tal abordagem amplia o repertório metodológico docente e favorece a construção de uma educação mais inclusiva, dialógica e significativa, na qual os(as) estudantes se reconhecem como sujeitos históricos.

Em síntese, investir no cordel como recurso didático e fonte histórica no ensino de História implica fortalecer práticas pedagógicas que integram conhecimento acadêmico e cultura, possibilitando a formação de sujeitos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel na sociedade. Nessa perspectiva, a dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), fundamenta-se no pressuposto de que o ensino de História pode ser ressignificado por meio de estratégias que valorizem a oralidade, a cultura popular e a autoria discente. Os resultados alcançados

corroboram a relevância dessa abordagem, ao evidenciar que a adoção de práticas pedagógicas dessa natureza contribui para a constituição de uma educação de caráter transformador, orientada à formação de sujeitos críticos, reflexivos e conscientes de sua inserção social, capazes de atuar como protagonistas na construção de suas próprias trajetórias históricas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia. Cordel Português/Folhetos Nordestinos: Confrontos, um estudo histórico-comparativo. 1993.
- ABREU, Marcia. Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos E L.O., 3 (1997)
- ABREU, Marcia. História de cordéis e folhetos. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- AMARAL, F. T. Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum. São Paulo: Luzeiro, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Org: Paulo Bezerra. Ed: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARROS, Leandro Gomes de. A Peleja de Manuel Riachão com o Diabo. Fortaleza: Tupynanquim Editora/ ABLC- Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2007.
- BARROSO, Maria Helenice. Os cordelistas no D.F.: dedilhando a viola, contando a história. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília – UnB, 2006.
- BATISTA, Franciso das Chagas. Cantadores e Poetas Populares. São Paulo: Iba Mendes Editor Digital, 2020.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernades. Ensino de História: fundamentos e métodos. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BNCC. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Mec, 2018.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Dossiê de Registro Literatura de Cordel: 2020. Brasília: IPHAN, 2018.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Ministério da Educação - MEC, S.D. Disponível em <> Acesso em 28/12/2019.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ciências Humanas. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Orientações Curriculares Nacionais- História: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). História. 5ª a 8ª séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 27. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: entre o reconhecimento e a superação da desigualdade.** Petrópolis: Vozes, 2008.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação em direitos humanos e formação de professores.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Vaqueiros e cantadores. São Paulo: Global, 2000.
- CHARTIER, Roger. Culturas Escrita, Literatura e História: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio

Saborit. – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. Conferência proferida por Roger Chartier, em 5 de novembro de 1999, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Topoi, Rio de Janeiro, nº 1.

CHARTIER, Roger. A mobilidade dos textos, o livro como metáfora e o universo digital. Entrevistadores: André Furtado e Anna Coelho. *Varia História*, v. 38, n. 76, p. 311-324, jan./abr.2022.

CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 2001.

Didática do Cordel – Autores: Zé Maria de Fortaleza, Arievaldo Viana e Klévisson Viana. Folheto consultado a partir do site <http://www.cnfcp.gov.br/> - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE/Ministério da Cultura – Acervo digital/Cordelteca/Biblioteca Amadeu Amaral - RJ. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. 1997. <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>

FERREIRA, Grace Kelly. Folhetos de Acontecido: Literatura de Cordel e sua Função no Ensino de História. 2018. (145 páginas) f. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1979.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. A literatura de cordel e o ensino da História. Universidade do Porto, Portugal: Artigo publicado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2011.

GRILLO, Regina Maria. *Cordel, educação e cultura popular*. São Paulo: Cortez, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAURÉLIO, M. *Breve história da literatura de cordel*. Editora Claridade, São Paulo, 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Dossiê de registro da literatura de cordel. Brasília, 2018, p. 16.

IPHAN. Dossiê de Registro "Literatura de Cordel" no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP. Brasília, 2018.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

FAZENDA, Ivani C. A. *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 1998.

LACERDA, F. G.; NETO, G. M. M. Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. Volume 7, número 10, dezembro de 2010 - Dossiê História e Educação. *Revista Outros Tempos*.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2o grau. Série formação do professor).

MATTOSO, Glauco. *O sexo do verso*. São Paulo: Annablume, 2010.

MAXADO, Franklin. *O que é cordel na literatura popular*. Mossoró. Queima Buxa, 2011.

- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012.
- MEINERZ, Carla Beatriz. História Viva: a história que o aluno constrói. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- MODESTO, Mônica A; SANTOS, Tatiana F. Perspectiva do ensino de História nos anos iniciais sob a égide de uma temática ambiental. 2015. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/2151/446> Acesso em 29 de maio de 2023.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Currículos, disciplinas escolares e culturas. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e culturas: entre o universal e o local. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Currículo, cultura e sociedade. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PINSK, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- PORTO, M. Um diálogo entre os gêneros textuais. Curitiba: Aymará, 2009.
- PROENÇA, Maria Cândida. História, historiadores e ensino. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira (Org.). Ensino de História: conceitos, temas e práticas. São Paulo: Scipione, 2002.
- NEGRÃO, AA. J. T. Introdução à literatura de cordel. Letras. Curitiba
- NEVES, F. P. Literatura De Cordel – Origens E Perspectivas Educacionais. Universidade Federal Do Ceará - Faculdade De Educação. Fortaleza, 2018.
- SANTOS, A. L. L. Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de História: conceitos, repertórios e experiências. São Cristóvão, 2018.101 F. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para História da educação. In: Revista HISTEDBR On- line, Campinas, n. especial p.28-35, ago. 2006.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira; CAINELLI, Marlene. Ensino de História: fundamentos e métodos. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SEVERO, T. E.; ARAÚJO, P. C. Entre versos, narrativas e saberes: diálogos da natureza de cordel com a educação ambiental. Revista Biografia. Escritos sobre la biología y su enseñanza, Edición Extraordinaria, 2015.
- SILVA, Gonçalo Ferreira. Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel. 2ª edição. Ensinamento Editora. 2012. RJ.
- SILVA, Gonçalo Ferreira, org. 100 cordéis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Mossoró: Queima-Bucha, 2008.
- SILVA, S. P. da.; ARCANJO, J. G. A Literatura de Cordel e o Ensino de Ciências: uma Linguagem Alternativa na Promoção da Reflexão Socioambiental. Revista Virtual Partes. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3932234>. Acesso em: 20 mar. 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TEIXEIRA, L. A. Literatura de cordel no brasil: os folhetos e a função circunstancial. Brasília, 2008.
- TORCATE, J. E. A Narrativa Da Literatura De Cordel No Ensino De História: Desafios E Possibilidades. Universidade Regional do Cariri. Crato, Ceará, 2018.
- VIANA, Klévisson. Meu baú de cordéis. Fortaleza: Tupynanquim, 2021.
- _____. Série Apresentando #04: Acadêmico Klévisson Viana. YouTube, 23 de nov. de 2020. Disponível em: Acesso em 12 set. 2025.
- VIANA, Klévisson. Cordel. São Paulo: Hedra, 1995.

VIANA, Klévisson. Cordel. São Paulo: Hedra, Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 41, dezembro de 2010. p. 113-130. <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>

VIANA, Klévisson. *Cordel*. São Paulo: Hedra, 1995 __. São Paulo, Capital Nordeste: 5 anos no ar. Fortaleza: Tupynanquim, 2002.

Folhetos de Cordéis:

Folheto: Chegada de Lampião no inferno.

https://lercordel.wordpress.com/2008/10/15/a-chegada-de-lampiao-no-inferno-jose-pacheco-da-rocha/?utm_source=.com visitada em 25/07/2025

Folheto de Corde: A seca do Ceará: <http://www.ablc.com.br/a-seca-do-ceara/> visitada em 24/10/2025

Folheto de cordel: Chegada de Lampião no inferno

<https://cariridasantigas.com.br/cordel-a-chegada-de-lampiao-no-inferno-jose-pacheco> visitada em 24/10/2025

Folheto de cordel: O cachorro dos mortos

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?selectaction=&coobra=5425%co_midia=2 visitada em 25/07/2025

Folheto de cordel Batalha de Oliveiros com Ferrabráz

<http://docirt.com/docreader.net/WebIndex/WIPagina/RuiCordel/180>

visitada em 25/07/2025

Folheto de cordel: Ave Maria da eleição

<https://acordacordel.blogspot.com/2011/11/ave-maria-da-eleicao.html-último> acesso em 28/10/2025

APENDICES

Cordéis produzidos pelos alunos

OS ESCRAVOS

Venho de muito longe
Do outro lado do mar
Meu povo foi capturado
E forçado a trabalhar
E não sabíamos nós
O sofrimento estava por começar.

Estamos ainda esperando
Nossa tristeza acabar
Ainda está demorando
Mas a esperança não posso deixar
Por mais que esteja doendo
Meu povo irei libertar.

O que vivemos deixou marcas
Tão grandes no coração!
Na produção de açúcar
Estava toda a concentração
Que sustentava a riqueza
Às custas da escravidão.

Foram negros tão valentes
 Trabalhavam sem parar
 Mesmo todos tão cansados
 Não podiam descansar
 E em meio ao sofrimento
 A tristeza no olhar.

E o tempo foi passando
 Chega à carta de alforria
 Para libertar todo meu povo
 Dessa triste agonia
 Que em meio ao sofrimento
 Foi liberto com alegria.
 Autora: Andressa Alves Lemos

ESCRAVIDÃO

Na senzala sofrida, ecoa a voz da dor
 Nas correntes da injustiça, um grito de clamor.
 Escravidão cruel, chega em nossa História
 Que marcou vidas, gerou tanta memória.

Homens, mulheres, crianças em correntes
 Sofreram na lida, enfrentando tormentos.
 Nas plantações de cana, café e algodão,
 A escravidão deixou profunda marcação.

Mas na resistência, no quilombo e na fé,
 Negros se uniram, buscando o que é de pé.
 Lutaram por liberdade, por igualdade real,
 Nas páginas da História, seu valor é vital.

Hoje, lembramos esse tempo sombrio
 Para que a justiça seja o nosso guia.
 E que nunca mais vejamos, em nossa nação,
 a escravidão, essa terrível maldição.
 Autora: Stephanie da Silva Castro

RACISMO ESTRUTURAL GERANDO DISCRIMINAÇÃO

Racismo por toda parte
 Gerando discriminação
 Mas muitos ainda insistem
 Que não houve a intenção

Para as vítimas
 Não há lugar de fala
 Mas há sim lugar de fala,
 Outros levam como pessimismo

Até quando vão ser assim?
 Destilar racismo pela sociedade
 Com tanta banalidade
 Por toda humanidade.

Os negros são discriminados
 Judiados e até explorados
 O racismo ainda existe
 Fato que ainda é muito triste.

Racismo é racismo
 E não é novidade
 Não pode ser banalidade
 Para nossa humanidade.

Autores: Breno Silva Fernandes, Cauã Henrique Pereira Santos, Filipe Malheiros
 Alves, José Armando Bezerra Souza

PRECONCEITO

Esse termo vem de muito tempo atrás
 Entre devaneios e conflitos
 Sobre guerras e atritos
 Com o único objetivo da falta de paz

Acabando com o respeito e a vida
 Trazendo morte, nos deixando sem paz
 Sempre à frente de qualquer evolução
 Apenas estando em nosso meio
 Como uma doença que precisa de vacinação
 Visando apenas desprezar a cor
 Destruindo a ética, a moral e a razão
 Proporcionando o caos, guerras sem rodeio

Mas com o passar dos tempos
 Vem diminuindo, aliviando a dor
 De um povo que lutou por anos
 Passando por sofrimento, angústia e pavor
 Atualmente já não é mais aceito
 Então, será, finalmente, o fim do preconceito?
 Autor: Lucas Limeira

RACISMO

No Brasil em que vivemos
 Deparamos com o chamado racismo
 Em todo e qualquer lugar
 Na escola, às vezes em casa
 Onde o conforto e o respeito
 Deveríamos, sim, encontrar

Por isso mesmo

Devemos buscar
 Uma forma para cessar
 Com o preconceito e o racismo
 Uma delas é denunciar

Todos juntos, vamos acabar
 Com esse ato nojento
 Da prática de racismo
 Pode até demorar
 Mas esse dia vai chegar

Já que a união faz a força
 Nós todos vamos nos juntar
 E juntos, a esses racistas
 Vamos intimidar
 Por um Brasil melhor
 Vamos em conjunto lutar
 Autora: Islane Souza Santos

LAMPIÃO E MARIA BONITA: O CANGAÇO NO SERTÃO

Em pensar no cangaço, no sertão a surgir,
 Na caatinga árida, destinos unir
 Corisco, um grupo destemido a reluzir,
 Lampião, o líder, a bravura a definir.

Esse termo, nas origens,
 Com destreza entrelaçar,
 A “canga” da boiada,
 Inspiração a revelar,
 Cangaceiros, na Caatinga,
 Com firmeza a lutar,
 Sua história do cangaço,
 Com honra lembrada,
 Na memória do povo,
 Sempre eternizada.

A caatinga guardou seus feitos
 E glórias, cangaceiros de tantas histórias
 Seguindo seu coração,
 No meio do calorão,
 Foi indo Maria Bonita
 Junto com Lampião.

Caminhava pelo sertão
 Ao lado do seu capitão
 Através dos matagais
 Com muita determinação

Seguindo pelas estradas
 Lá estava e amada

Futuramente aclamada
 Das suas vidas fizeram uma história
 Bem repleta de emoção
 A história de amor
 De Maria Bonita e Lampião.

Num lugar quente que se chama Sertão
 Homem de tamanha mente
 E de muita complicação
 Virgulino Ferreira chefe do cangaço
 Também conhecido como o famoso Lampião.

No sertão era uma ameaça
 Pela sua diferente tradição
 Dele todos tinham medo
 Pela sua fama de bravão,
 Será que posso te contar?

Ele não tinha medo de ninguém, não,
 Para alguns era como um herói
 Por outros vistos como vilão
 A vida de muitos ele destruiu
 Mas no fundo, um homem de bom coração
 Pelas redondezas de Pernambuco
 Conheceu Maria Bonita
 Como é que pode um homem maluco
 Envolver uma mulher bendita.

Autores: Andressa Karine Simões dos Santos, Carlos Claudionor de Souza,
 Manuela Santiago de Alencar, Marcos Renan Duque Sampaio

SERTÃO NORDESTINO: SÍMBOLOS DE RESISTÊNCIA

No sertão nordestino, brilhou uma história
 De Maria Bonita e do valente Lampião,
 Juntos enfrentaram desafios e glórias,
 Na luta contra o poder e a opressão.

Maria, mulher de coragem sem igual,
 Companheira fiel do rei do cangaço
 Ao lado de Lampião, sempre pronta a lutar
 Contra a injustiça mostrando seus braços.

Lampião, o cangaceiro destemido
 Com seu chapéu de couro e fuzil na mão,
 Liderava o bando com fervor e sentido,
 Protegendo o povo da opressão.

Juntos, enfrentaram batalhas e perigos,
 No cangaço, vivendo em constante luta
 Eram lendas vivas, verdadeiros amigos.
 Defendendo os fracos com bravura absoluta.

Mas o destino reservou um triste final,
 Numa emboscada traiçoeira e covarde,
 Lampião e Maria Bonita foram mortos, afinal,
 Mas suas histórias ficaram na memória de cada tarde

Maria Bonita e Lampião, símbolos de resistência,
 Representam a força do povo nordestino
 Seu legado vive na nossa consciência
 Ensinando-nos a lutar pelo nosso destino.

Que a memória de Maria Bonita e Lampião,
 Permaneça viva no coração de cada um
 E que sua coragem seja inspiração,
 Para nunca desistirmos, mesmo sob o sol
 Escaldante do sertão.
 Autora: Carla Beatriz Rodrigues Abrantes

LAMPIÃO E MARIA BONITA: UMA HISTÓRIA DE AMOR

Maria Gomes de Oliveira
 Maria Bonita foi pioneira
 E se apaixonou por Lampião
 Lhe dando seu coração

No meio de tanta escuridão
 Maria Bonita e Lampião
 Tiveram uma filha
 Mas não criaram a criança
 Entregando a um vaqueiro de confiança
 Para cuidar da sua maravilha.

Em uma emboscada
 Suas vidas foram tiradas
 História no sertão marcada
 Um amor tão bonito
 De Maria e Lampião
 A morte não lhes tirou
 Sua linda história de amor
 Autora: Cristine Chaiane Novais da Silva

O CANGAÇO

Eu nasci num pé de serra
 Para honrar minha terra
 Me meti nos cafundós
 Sou cangaceiro afamado
 No sertão sou cabra macho

Escolhi o meu destino
 Sofrendo neste sertão
 Da vida não tenho dó

Meu punhal e meu fuzil
No bando ninguém me viu

Logo ao nascer do sol
Meu caneco de café
Me desperta e me deixa de pé
No sertão eu fiz minha história
E é minha maior glória

Com glória das coisas que fiz
Continuo na minha morada
Na gruta da emboscada
Para quem mostrou o sertão
Onde estou feliz.
Autora: Iasmin da Silva Costa

A HISTÓRIA DE LAMPIÃO
Hoje vou narrar
A história de Lampião
Homem que costumava maltratar
Conhecido como o dono da razão

Diante da injustiça
Que causaram a sua família
Foi em busca da justiça
Atalhando um pouco por dia

Juntou-se a um grupo de homens
Aterrorizando o Nordeste
Fazendo pessoas de reféns
Era uma verdadeira peste

Mas ajudava os que precisavam
Tinha, pois, um bom coração
Vivendo uma batalha
À procura de paixão
Teve uma vida sofrida
Correndo atrás da lida
Mas, acabou morrendo
Numa encruzilhada.
Sua História marcada
Autor: Ícaro Rafael Pereira Lima

EXPOSIÇÃO DOS CORDEIS PELOS ALUNOS DO COLÉGIO LUÍS VIANA
FILHO. 22/09/2024.



Acervo pessoal da pesquisadora



Acervo pessoal da pesquisadora



Fonte: folha UOL <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad>

Lampião e Maria Bonita: Memórias eternizadas no sertão nordestino

